

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**GIL CARLOS MONTARROYOS SETTE PACHECO**

**O SALAFISMO E SUA INFLUÊNCIA NA GENEALOGIA DO TERROR  
ISLÂMICO**

**Recife, dezembro de 2014**

**GIL CARLOS MONTARROYOS SETTE PACHECO**

**O SALAFISMO E SUA INFLUÊNCIA NA GENEALOGIA DO TERROR  
ISLÂMICO**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Relações Internacionais da Faculdade  
Damas da Instrução Cristã, como requisito  
parcial para obtenção do título de Bacharel  
em Relações Internacionais, orientado pelo  
Prof. MSc. Antônio Henrique Lucena Silva.**

**Recife, dezembro de 2014**

**Pacheco, G. C. M. S.**

**O salafismo e sua influência na genealogia do terror islâmico. / Gil Carlos Montarroyos Sette Pacheco: O Autor, 2014.**

**56 folhas; ilus.**

**Orientador(a): Profº Ms. Antônio Henrique Lucena Silva**

**Monografia (graduação) – Bacharel em Relações Internacionais -Faculdade Damas da Instrução Cristã. Trabalho de conclusão de curso, 2014.**

**Inclui bibliografia.**

**1. Relações internacionais 2. Salafismo 3. Jihad 4. Terrorismo**

**I. Título.**

**327 CDU (2.ed.)  
327 CDD (22.ed.)**

**Faculdade Damas  
TCC 2014- 298**

**O SALAFISMO E SUA INFLUÊNCIA NA GENEALOGIA DO TERROR ISLÂMICO**

**GIL CARLOS MONTARROYOS SETTE PACHECO**

**Monografia defendida e aprovada, em 22 de dezembro de 2014, pela banca  
examinadora:**

---

**Prof. MSc. Antônio Henrique Lucena Silva**

**Orientador**

---

**Prof. Dr. Thales Cavalcanti Castro**

**Coordenador do Curso de Relações Internacionais da Faculdade Damas**

---

**Prof. MSc. Pedro Gustavo Cavalcanti Soares**

**Professor do curso de Projeto Experimental II**

**Dedico este trabalho, aos meus filhos, Glenda Hadassah e Gershon Ariel como legado intelectual e aos meus pais, pelo apoio irrestrito.**

**Agradeço primeiramente ao D-us de Israel, por me capacitar e me guiar pelas veredas da justiça e aos grandes Prof. MSc. Antônio Henrique Lucena Silva e Prof. MSc. Pedro Gustavo Cavalcanti Soares, pelo apoio e orientação.**

**"Tzedek, tzedek tirdof... – Justiça,  
Justiça perseguireis..."  
D'varim (Deuteronômio) 16:20**

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estimativa de refugiados nos Estados em conflito no mundo até 2013.....39



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Matéria sobre o terror palestino na Olimpíada de Munique em 1972.....	20
Figura 2. Áreas sob atuação do Estado Islâmico .....	42
Figura 3. Teatro de Operações do IE.....	43
Figura 4. Conhecendo o Reino do Terror.....	46

## RESUMO

Este trabalho é resultado de uma extensa pesquisa sobre o que é o salafismo e qual a sua relação com o terrorismo islâmico. Desde o início do salafismo, no século XIX, o radicalismo demonstrou-se presente. Do discurso dos “pais” do salafismo moderno, Abdu, Al Afghani, Al Banna, Qutb até os tempos hodiernos, o radicalismo demonstrou permear esse pensamento teológico. Desde de sua construção como ideologia até hoje, ficou latente nessa corrente teológica islâmica, que haveria uma metamorfose, devido ao discurso nacionalista, da renovação teológica do islamismo a total radicalização do islã. Analisaremos o discurso dos pais do salafismo e em como se deu sua transição para o radicalismo e sua relação com o mundo não islâmico, através do conceito de jihad e sua aplicação prática por grupos terroristas diversos. Faremos uso de farta literatura acadêmica especializada e sítios de internet onde a presença do salafismo se faz presente, para demonstrar a emergência desse fenômeno na agenda de segurança do ocidente.

**Palavras-chave: Salafismo, jihad, terrorismo.**

## ABSTRACT

This work is the result of extensive research on what Salafism is and what its relationship with Islamic terrorism. Since the beginning of Salafism in the nineteenth century radicalism proved to be present. The discourse of the "fathers" of modern Salafism, Abdu, Al Afghani, Al Banna, Qutb until our times, radicalism demonstrated that permeate theological thought. Since its construction and ideology today, that was latent Islamic theological current, there would be a metamorphosis due to nationalist discourse, the theological renewal of Islam total radicalization of Islam. Analyze the speech of parents of Salafism and how was your transition to radicalism and its relationship with the non-Islamic world, through the concept of jihad and its practical application by various terrorist groups. We make use of abundant academic literature and specialist internet sites where the presence of Salafism is present, to demonstrate the emergence of this phenomenon in the West's security agenda.

**Keywords: Salafism, jihad, terrorism.**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I: QUEM SÃO OS “SALAF” E OS “SALAFISTAS”?.....	17
1.1 - BREVE RETROSPECTO HISTÓRICO DA ATUAÇÃO SALAFISTA.....	19
1.2 - CONCEITOS .....	23
1.3 – EXEGESE.....	25
CAPÍTULO II - SALAFISMO, JIHAD E O DESEJO DO CALIFADO UNIVERSAL – UMA REFLEXÃO FILOSÓFICO-CONCEITUAL.....	27
2.1 - O AVANÇO DO SALAFISMO COMO TEOLOGIA RADICAL ANTI OCIDENTE....	29
2.2 - SEGUNDO O SALAFISMO: ISLÃ E DEMOCRACIA, CONTRASSENSE?.....	31
2.3 - O PROGRESSO DO SALAFISMO RADICAL APÓS SAYYID QUTB.....	32
CAPÍTULO III - O NASCIMENTO DO TERRORISMO ISLÂMICO MODERNO.....	34
3.1 - O SALAFISMO COMO FERRAMENTA DO TERROR.....	35
3.2 - O SALAFISMO COMO IDEOLOGIA TEOLÓGICA .....	38
3.3 - FERRAMENTAS ANTITERROR: O COMITÊ DE COMBATE AO TERRORISMO DA ONU.....	39
CAPÍTULO IV - O ESTADO ISLÂMICO: RUMO AO CALIFADO.....	41
CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
BIBLIOGRAFIA.....	50

## INTRODUÇÃO

*"Israel existirá e continuará a existir até o Islã destruí-lo, assim como outros foram destruídos antes dele" (Imam Hassan al-Banna,)"*.

### *Pacto de Fundação do Hamas*

Com os eventos provocados pelo 11 de setembro de 2001, entramos em um novo processo de transição nas relações internacionais<sup>1</sup>. O novo arranjo que entrou em vigor após os atentados aos Estados Unidos da América, trouxe ao cenário internacional, novos atores não estatais, movidos por “novas” diretrizes, conceitos e filosofias que passaram a interagir na sociedade do século XXI, e que de forma inequívoca, possuem perfeitas condições de alterar o *status quo* do sistema internacional, com novas demandas, outrora inexistentes no “jogo” de poder, da anarquia internacional e pautados pelas mais diversas premissas, às quais variam de preceitos étnico-religiosos, ideológicos, políticos e/ou simplesmente criminosos, estando essa última ligado à organizações criminosas transnacionais.

Um dos principais novos atores, são os grupos terroristas islâmicos transnacionais. O mundo islâmico e toda sua teologia, vêm interferindo significativamente no cenário global como atores das RI, que agregam mais de 1 bilhão de seguidores dispostos a cumprir os estatutos proclamados no Alcorão, e isso, *per si* já instiga-nos a entender sobre o porquê da influência de uma das mais conhecidas ideologias islâmicas nessa atuação internacional, o salafismo ou *salaf al islã*<sup>2</sup>, usando o terrorismo islâmico global, sobretudo com a ideia de aplicação da *sharia*<sup>3</sup>, como ferramenta ante a sua inserção no cenário internacional global.

Outro ponto de relevância ao se analisar essa inserção islâmica e a atuação do salafismo como ideologia que influencia esses novos atores não estatais das relações

---

<sup>1</sup> Ao nos referir a uma transição nas Relações Internacionais, nos referimos a inserção de organizações terroristas como atores das RI e sua influência na agenda de segurança do sistema internacional.

<sup>2</sup> Retorno aos ensinamentos dos piedosos, discípulos do profeta (MESSARI, 2005, p.4).

<sup>3</sup> Aplicação literal da lei islâmica como meio único de submissão a *Alah*.

internacionais é a questão da identidade como elemento de ligação entre todos os povos islâmicos. Essa relação de identidade entre os diversos povos que professam o islã como religião, proporciona maior propagação do salafismo e encontra um eco ainda mais forte nas prédicas pleiteando a unidade nos povos islâmicos que seria uma espécie de proto califado universal, rumo a sua implantação definitiva, que, permeada de dogmatismo religioso e embasada na *sharia*, seria o fim último na concepção salafista.

É o que podemos dizer de “os meios justificam os fins”. Ou seja, o terror promulgado muito mais por apelo religioso para a pureza do mundo muçulmano, como processo de re-islamização dos povos islâmicos (MESSARI, 2005, p.4), retornando-se ao mais importante dos anseios – um mundo islâmico global. Através dessa leitura, se legitima o uso do terrorismo como ferramenta de transformação cultural-religiosa da humanidade (WATSON, 2004).

Apesar das distâncias geográficas, com o advento da globalização, tudo está conectado, passível de influência, seja religiosa, política, econômica, militar, etc. Este fenômeno, apesar de não ser novo, é bastante complexo, por facilmente transbordar as fronteiras geográficas em uma espécie de *spillover*<sup>4</sup> que vem “contaminando” de forma bastante consistente, as sociedades de Estados com forte presença islâmica, principalmente no Oriente Médio e não só no mundo islâmico e mais, já se encontram no seio das sociedades ocidentais, a maturação desse ódio pelo ocidente, por seu modo de vida e por tudo o que representam (STERN, 2004; CASTELLS, 1999; HATINA, 2007).

Como evidência do conflito político religioso entre o ocidente e o oriente, analisaremos a evolução do salafismo num contexto não só regional, limitado ao Oriente Médio, mais com franca ascensão global, dentro de uma perspectiva identitária como objetivo de transformar o islã religião em islã Estado-Nação sob os auspícios da *sharia* dentro de um Califado Global. A convivência com a diversidade de pensamentos, a ideia de supremacia da teologia islâmica sobre as demais vertentes religiosas, principalmente o cristianismo e o judaísmo, bem como o radicalismo teológico proposto pelo salafismo atrelado ao conceito de identidade cultural, religiosa e social que, dentre os dogmas do islã, fixa-se melhor no tecido

---

<sup>4</sup> *Spillover*, tomada de consciência primeiramente por parte de determinados agentes dentro dos Estados, para só depois se tornar convicção racional e moral do Estado, num processo de aprendizagem.

social das massas islâmicas pelo seu forte discurso identitário, focando o retorno à fé original como fora ensinada pelos *salaf al Islã* (precedentes) (MESSARI, 2005; HATINA, 2007; CASTELLS, 1999).

O fenômeno da radicalização islâmica em quase todos os países onde existe presença relevante, trouxe consigo um recrudescimento da visão ocidental quanto ao direito de os Estados islâmicos decidirem suas disputas e seus próprios problemas intraestatais, estimulando ainda mais toda essa religiosidade e visão antagônica tanto do Ocidente frente ao Islã, como do mundo islâmico ao Ocidente, gerando a desconfiança das potências ocidentais, fomentando ainda mais à radicalização religiosa que contaminam as sociedades desses Estados.

Com isso, torna-se iminente e necessária essa análise para o efetivo conhecimento dessa corrente do pensamento islâmico. Em virtude dos argumentos apresentados, elaboramos um questionamento central: o que é o salafismo dentro terrorismo islâmico? A partir desse questionamento surgiram outras inquietações, a saber: Quais as demandas do movimento salafista? E até onde poderá ir a força do salafismo em uma *jihad* global? Devido à emergência do terrorismo islâmico, (principalmente após o 11 de setembro de 2001) e toda a relevância para o Estudo das Relações Internacionais, o conhecimento desse fenômeno de importante envergadura para a contemporaneidade.

O nacionalismo religioso islâmico baseia-se nas práxis de que a religião suplanta a todos os direitos ou deveres do fiel muçulmano. *Allah*, em sua sabedoria não pode e não deve ser questionado e seus mandamentos sobrepõem-se a todas as diretrizes mundanas. Nesse dilema<sup>5</sup> estão milhares de muçulmanos no mundo (MESSARI, 2005). Foi por esse pensamento que durante a idade média o islã invadiu a Europa cristã, necessitando um grande esforço dos

---

<sup>5</sup> Ao nos referir a existência de um dilema nas sociedades que adotaram o islamismo sunita como o ramo principal do islã, estamos nos referindo apenas a ideia proposta por Sayyid Qutb, o dilema de uma “Islamização por baixo”, promulgada pelo discurso salafista, onde a parte desprezada da pirâmide social era quem iniciaria esse processo. Esse fenômeno foi evidenciado na criação da Irmandade Muçulmana por Hassan Al Banna, em 1928 e que posteriormente se expandiu na década de 60, com a radicalização proposta por Sayyid Qutb houve uma rápida contaminação de toda a sociedade islâmica, inclusive com o surgimento de Organizações terroristas como OLP, Hizbullah, Hamas, Fatah, e mais hodiernamente Al Qaeda e Estado Islâmico.

reinos europeus para a expulsão dos mouros, apesar das contribuições que fizeram à humanidade (WATSON, 2004). É pelo fato de não terem alcançado êxito na criação desse “Califado Universal” que ainda existe uma hodierna presença islâmica na Europa e na Ásia, como resquício do império Turco Otomano, que estava imbuído no desejo de um califado universal (idem).

Essa internacionalização desenfreada do islã como sub produto de uma religião que, após a emergência do terrorismo, vem aumentando as doses de radicalismo fomentado pelo salafismo em todos os continentes, demonstrando claramente sua influência na agenda de segurança dos Estados, inclusive em Estados islâmicos, onde há elites empenhadas em manter seus laços com o ocidente. Sejam os Almoádas do passado ou o Estado Islâmico de hoje, sunitas ou xiitas, é certo que um processo de recrudescimento religioso está ocorrendo em todo o mundo islâmico (MESSARI, 2005, p. 6-10; CHEREM, 2010, p. 41-45), principalmente após a denominada Guerra ao Terror, durante o governo de George W. Bush, promulgada pelos Estados Unidos da América, sendo a figura deste país identificada nas prédicas dos clérigos como o “Grande Satã”, tudo isso inserido no mundo globalizado.

É conhecido através das prédicas de muitos sheiks, imãs ou aiatolás (STERN, 2004; LEWIS, 2004; SUTTI & RICARDO, 2010; MESSARI, 2005; CHEREM, 2010; HATINA, 2007) a intenção e o desejo de uma hegemonia islâmica sobre a humanidade. Temos uma longa e extensa lista de exemplos para embasarmos essa análise, que independentemente da localização geográfica ou de nível de interdependência com o ocidente, influencia de forma bastante peculiar o terrorismo. Podemos apresentar os casos da Turquia, Egito, Arábia Saudita, Irã, Iraque, Síria, Líbano, Faixa de Gaza, Cisjordânia, Afeganistão, Paquistão, Iêmen e Emirados Árabes Unidos, e Bahrein<sup>6</sup>, como exemplos (HATINA, 2007).

A vigorosa atuação de inúmeros grupos salafistas, atuando no cenário global, fortemente influenciado pela *sharia*, proporciona-nos a missão do conhecimento dessa ideologia que, de forma bastante consistente, vem progredindo em todo o mundo. Desde a década de 20 do século passado, com a criação da Irmandade Muçulmana no Egito, bem como

---

<sup>6</sup> Para maiores informações acerca da temática sugerimos conferir o sítio de internet do Instituto Memri: <http://www.memritv.org>



de outras organizações terroristas como OLP, HAMAS, AL QAEDA, EI<sup>7</sup>, dentre outros. Não podemos avaliar em curto prazo o retrocesso que haveria se esse intento se concretizasse. Também acreditamos na sua impossibilidade, ao menos temporária, devido às complexidades do mundo moderno quanto à criação desse desejado Califado Mundial baseado nas premissas islâmicas e na aplicação da *sharia*. Como pergunta central a temática do salafismo, discorreremos com o intuito de responder a seguinte pergunta: Como a retórica salafistas influencia no jihadismo militante de terroristas islâmicos?

Em vista do que foi apresentado, o trabalho se estrutura através da divisão de cinco capítulos. No capítulo I, identificamos quem são os *salaf al islā* e os salafistas; No capítulo II, Salafismo, Jihad e o Desejo Do Califado Universal – Uma Reflexão Filosófico-Conceitual; No capítulo III, O Nascimento do Terrorismo Islâmico Moderno; No Capítulo IV, O Estado Islâmico: Rumo ao Califado; No Capítulo V, Considerações Finais.

---

<sup>7</sup> Pela ordem: **OLP**, Organização para Libertação da Palestina, fortemente influenciada pela Irmandade Muçulmana; O **Hamas** (em árabe: حماس, transl. *Ḥamās* (lit. 'Zelo' ou 'Entusiasmo', acrônimo de حركة المقاومة الإسلامية, transl. *Ḥarakat al-Muqāwamat al-Islāmiyyah*, "Movimento de Resistência Islâmica"); **Al-Qaeda** (também **Al-Qaida** ou **Alcaida**; árabe: القاعدة, transl. *el-Qā'idah* ou *al-Qā'idah*, *O alicerce* ou *A base*); **O EIIL/ISIS, Estado Islâmico do Iraque e do Levante** (em árabe: الدولة الإسلامية في العراق والشام اختصاراً: داعش *Dawlat al-'Islāmiyya fi al-'Iraq wa-l-Sham*), também referido pelas siglas **EIIL** ou, em inglês, **ISIS**, de *Islamic State in Iraq and Syria* ou, ainda, **ISIL**, de *Islamic State in Iraq and the Levant*, é uma milícia jihadista formada em outubro de 2004, porém mudando recentemente para apenas Estado Islâmico ou EI.

## CAPÍTULO I

### QUEM SÃO OS “SALAF” E OS SALAFISTAS?

Neste trabalho, desenvolveremos um estudo de caso enfocando as teorias histórico comparativa, com enfoque na questão identitária e trazendo à baila a teoria neorrealista, ao identificar o salafismo como parte importante dos conflitos internacionais, para explicar onde o salafismo jihadista quer chegar.

Ao focar quais as consequências do discurso salafista, que desde início no século XX ecoa travestido de nacionalismo (HOBSBAWM, 2008), e tendo sido apresentado ao século XXI com sua verdadeira face nos atentados terroristas do 11 de setembro. Com esse entendimento, trazemos uma contribuição à compreensão dos efeitos da pregação radical do islã na agenda de segurança do Sistema Internacional.

Essa postura mimética, demonstra o porquê de o salafismo ter sido por muito tempo identificado como nacionalismo árabe. Apesar de haver um viés nacionalista no escopo dessa ideologia islâmica, a questão religiosa sempre foi, é e será o motivo dessa expansão, com foco em um califado mundial. Com isso o salafismo liga-se ao que Wendt (1987) e Campbell (1993) definem como identidade coletiva interagindo no contexto agência x estrutura.

Essa identidade coletiva, muitas vezes vista como nacionalismo, perpassa os interesses pessoais, produzindo uma ideia de supremacia identitária ligando-se a ideia de “Estado-Nação” islâmico dentro da proposta salafista (MCSWEENEY, 2004, p. 126 *apud* CAMPBELL, 1993; WENDT, 1987).

É a partir dessa visão que trabalham os mentores do terror. Eles bloqueiam tudo o que for contra essa ideia de “Estado-Nação” islâmico, trazendo os indivíduos inserido nessa ideologia ao extremismo, produzindo o que Jéssica Stern define como alienação total e completa do indivíduo (2004).

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, acreditava-se que com a pós-modernidade, esse conflito religioso-ideológico entre o Ocidente e essas *práxis* religiosas<sup>8</sup> se apaziguariam (HOBSBAWN, 2008, p. 122). Sabemos que isso não aconteceu, devido a vários fatores, que entre eles, podemos apresentar o do proselitismo islâmico como principal ferramenta de extrapolação religiosa para a política, como discurso de inserção social e espiritual de elevação, bem como a ascensão à liderança da Irmandade Muçulmana na década de 60 do egípcio Sayyid Qutb.

A mensagem de Qutb identificava modernização com ocidentalização e, ao rejeitar o que ele caracterizava como a ocidentalização exacerbada das sociedades muçulmanas, rejeitava a herança moderna e também colocava-se na perspectiva de certa volta às raízes (MESSARI, 2005). Contudo, não é exclusividade do Islã esse pensamento, pois toda religião que se preza, alega preponderância de seus dogmas sobre as demais visões religiosas e de suas doutrinas sobre as doutrinas das outras religiões (STERN, 2004).

Não é raro isso acontecer até dentro do islã, entre sunitas e xiitas. Mas, no caso islâmico, há uma tendência clara para o radicalismo e a interpretação literal do Alcorão, pois no mesmo tempo em que todos aqueles que não são muçulmanos são infiéis<sup>9</sup>, estes precisam ser convertidos por qualquer meio, inclusive através da guerra santa (*Jihad*), isto, em pleno século XXI.

Portanto, torna-se inexoravelmente necessária a compreensão deste fenômeno e do seu profundo engajamento político num cenário de globalização, frente à inserção de radicais islâmicos no seio das nações ocidentais com a clara intenção da implantação da *jihad* mundial e com o claro intuito da criação do tão sonhado Califado Universal, idealizado pelo profeta Mohammed.

Para que haja uma maior compreensão da temática objeto deste estudo, se faz necessário o entendimento de conceitos que virão à tona nesse trabalho: retrospecto histórico,

---

<sup>8</sup> Além do Salafismo, ainda há o conflito entre o sunismo e o xiismo, que foi e é palco de grandes conflitos intra islamismo.

<sup>9</sup> Para o islã, o conceito de infiel é o não muçulmano (ARAÚJO, 2004; STERN, 2004; LEWIS, 2004; SUTTI & RICARDO, 2009; MESSARI, 2005)

conceitos, salafismo, jihad, terrorismo islâmico e califado universal. Para isso dividiremos em tópicos, os conceitos de *jihad* e salafismo, terrorismo islâmico, califado universal, além de uma exegese sobre como esses conceitos estão entrepostos.

## **1.1 – BREVE RETROSPECTO HISTÓRICO DA ATUAÇÃO SALAFISTA**

Neste tópico, faremos uma retrospectiva histórica da atuação salafista e identificaremos seus principais atores, desde o início do século XX até os dias hodiernos. Esses atores, definem e demonstram o *status quo* dessa corrente teológica islâmica e sua atuação no mundo hodierno globalizado.

Desde seu surgimento, no Século XVIII no Egito, o salafismo sempre foi objeto de amor e ódio. Sua maior atuação como ideologia libertária se deu no final do Século XIX e início do Século XX. Contudo, com o recrudescimento da visão de salafistas como Hassan Al Banna e Sayyid Qutb, uma mudança radical, e de ampla envergadura, passou a ser incorporada ao radicalizar a compreensão da teologia salafista a ideia de que ocidentalização e assimilação são a mesma coisa, era como se os povos islâmicos retornassem ao status pré-islâmico ou *jahilia*<sup>10</sup>. Com o uso de intensivo do discurso antiocidental, os pais do salafismo moderno, trouxeram à baila um pensamento conservador e voltado a aplicação literal da lei islâmica, a *sharia* (STERN, 2004, p. 40; CHEREM, 2010, p. 3; MCSWEENEY, 2004; HATINA, 2007).

Eles defendiam um processo de retorno a fé islâmica nos moldes do Século VI, quando surgiu o profeta e toda a sua teologia, principalmente quando do surgimento da Irmandade Muçulmana, tendo seu ícone principal Hassan Al Banna, e posteriormente Sayyid Qutb<sup>11</sup>. Essa dupla de radicais reconfigurou indiretamente a agenda de segurança dos Estados, com efeito retardado nas décadas posteriores. Toda essa “engenharia” teológica islâmica se deu de forma gradual ante o conflito árabe-israelense. Logo, diante da duração e da resignação de Israel no combate ao terrorismo palestino, esse pensamento se espalhou para todo o Oriente Médio.

---

<sup>10</sup> Situação das sociedades antes do advento do islamismo, em uma situação de total ignorância dos preceitos islâmicos.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.tawhed.ws>, acessado em 15 de setembro de 2014.

Contudo, vale salientar que enquanto o problema do terrorismo salafista se restringia a Israel não houve nenhuma manifestação do mundo ocidental nesse sentido, mesmo quando o mundo assistiu o assassinato dos atletas olímpicos israelenses na olimpíada de Munique, em 1972, onde houve insípida manifestação mundial contra o ato de terrorismo perpetrado pelo Setembro Negro, organização paramilitar da OLP (Organização para Libertação da Palestina). Conforme visto em matéria do jornal *O Estado de São Paulo*, conforme abaixo:

Figura 1 – Matéria sobre o terror palestino na Olimpíada de Munique em 1972.



Fonte: O Estado de São Paulo

Sobre esse episódio, houve uma incipiente manifestação contra o terrorismo palestino por parte das potências ocidentais da época. Na contramão dos fatos, ocorreram episódios de veementes manifestações de apoio aos terroristas, principalmente pelos Estados que o patrocinam desde 1920, como Egito, Síria, Líbano, Arábia Saudita, Jordânia, Iraque, etc. Todo esse cenário era tolerado por parte das potências ocidentais por não interferirem em seus interesses. Entretanto, com a inclusão de novos alvos do terrorismo salafistas palestino, se percebeu a necessidade iminente de combater o salafismo como teologia inspiradora do terror islâmico sunita.

Na década de 1980, durante a ocupação Soviética no Afeganistão, surgiu o Talibã, primeiramente como grupo de resistência *mujahedim* (LEWIS, 2004). Contudo, com o

treinamento dado pela Agência Central de Inteligência - CIA, órgão de inteligência do governo norte-americano aos insurgentes afegãos, na sua luta contra o invasor soviético, se iniciaria ali um gérmen do terror islâmico personificado no ícone máximo desse período, e o surgimento posterior daquela que representa em sua forma mais evidente o terror salafistas – a Al Qaeda.

Dessa organização terrorista e de seu idealizador, Osama bin Laden, se iniciaria o período mais tenso no mundo após a II Guerra Mundial, o ataque as torres gêmeas do World Trade Center no coração financeiro de New York. Mesmo tendo ocorrido atentados anteriores aos estadunidenses dentro e fora do país, nada fora tão impressionante e tão significativo quanto esse evento. Não há como dissociar a atuação do Talibã e da Al Qaeda (Ibid) no processo de recrudescimento ideológico, trazendo no seu seio o desejo de total separação com o ocidente, quiçá a conversão ao islã de todos os povos, concretizando assim a implantação do Califado Universal (LEWIS, 2004).

Foi através desse intento que o ocidente despertou quanto ao risco da islamização desenfreada do mundo, desde a década de 1980 (Ibid.). Todavia, podemos elencar dois problemas fulcrais acerca desse desejo: a instauração na periferia do sistema internacional de guerras assimétricas, com o intuito de garantir aos Estados o *status quo* proposto no modelo westfaliano. E o segundo é a falta de solução a curto prazo, para o avanço do radicalismo islâmico em todo o mundo (Ibid.).

Essa tendência vem se mostrando cada vez mais verdadeira, principalmente após às duas invasões do Iraque, ficando mais evidente após a declaração de “guerra ao terror”, perpetrado pelo ex-presidente George W. Bush, logo após os eventos do 11 de setembro de 2001, que culminou em uma guerra assimétrica de longa duração que desestabilizou definitivamente todo o subsistema do Oriente Médio e Ásia (SUTTI & RICARDO, 2009). Todos os dados demonstram uma piora na relação de como os muçulmanos observam o ocidente, principalmente as potências ocidentais EUA, Reino Unido, França, bem como a aliança militar ocidental, a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) que representa o braço militar do ocidente, mais próximo do Oriente Médio e Ásia.

Esse avanço sistemático, desde os anos 90 e recentemente nos anos 2000, do radicalismo salafistas em todo o mundo, demonstra que não há a curto e médio prazo como reverter essa tendência, como explica Stern em sua obra (STERN, 2004, p. 40). Diante de prognósticos tão sombrios, podemos elencar apenas duas soluções imediatas: uso total da capacidade militar das potências ocidentais ou rever todo o modelo de relacionamento com o

mundo islâmico. O primeiro é improvável e totalmente inviável. A segunda solução é a mais viável, porém levará no mínimo cem anos para que todo esse processo de lavagem cerebral salafistas seja totalmente extirpado. Não há solução plausível a curto e médio prazo. Ou se negocia algo rápido para mitigar a expansão do terror salafistas ou toda a estabilidade do sub sistema do Oriente Médio estará comprometido e as potências ocidentais imersos em uma série de conflitos assimétricos espalhados pelos quatro cantos do mundo.

Ao se fazer uma análise retrospectiva, nos parece muito pertinente os pensamentos de Bernard Lewis, quando aponta a origem da Al Qaeda na derrota do império turco-otomano, e na análise de Jéssica Stern, quando aponta uma série de fatores que resultam no terror em nome de Deus. Todos os caminhos demonstram que o arranjo de dominação das potências ocidentais foi o gatilho que iniciou todo o caos hora apresentado (LEWIS, 2004; STERN, 2004). Também não podemos deixar de apreciar a contribuição dos professores doutores Nizar Messari e Youssef Alvarenga Cherem, ao apontar os pontos nervosos do islamismo salafistas, sua ideologia e suas pretensões. Como se comportam e como pensam os jihadistas em busca de seu tão sonhado Califado Universal (MESSARI, 2005; CHEREM, 2010).

A história já nos mostrou que não há nada mais poderoso do que a informação e o conhecimento. Muitos desses que estão lutando pelo islã não possuem acesso a condições mínimas de sobrevivência, inclusive com sinais claros de opressão por parte de seus líderes e governos. Contudo, o começo de um processo de reestruturação social somente será viável com a derrocada de regimes autoritários e antiocidentais, que, sem os mesmos não podem existir como seres humanos. Toda a história dos povos islâmicos é dotada de episódios de retrocesso e progresso tanto quanto a dos Estados ocidentais.

Os posicionamentos das potências ocidentais defendendo seus *status quo* transformou sobremaneira todo o sistema internacional. A era dos impérios, o colonialismo, as duas grandes guerras, tudo isso influenciou consideravelmente em como o mundo está. A reconfiguração do sistema internacional produziu essa assimetria e suas complicações, que assolam o mundo desde então (HOBSBAWM, 2008; PETERS, 1979).

## 1.2 - CONCEITOS

*Jihad* (em árabe: جهاد, *jihād*) - é um conceito essencial da religião islâmica e significa "empenho", "esforço". Pode ser entendida como uma luta, mediante vontade pessoal, de se buscar e conquistar a fé perfeita. Ao contrário do que muitos pensam, *jihad* não significa somente a "Guerra Santa", nome dado pelos europeus às lutas religiosas na Idade Média (por exemplo: Cruzadas) por mimetismo com o contato com um Islã que, durante 500 anos antes destas, invadiram metade do mundo cristão. Aquele que segue a *jihad* é conhecido como *Mujahid*. (MELIS, 2002; 2006, p.34).

Salafismo - Movimento teológico fundamentalista, nascido no Egito no século XIX. Por algum tempo essa linha teológica islâmica foi um movimento de libertação e adaptação aos novos tempos. Entretanto, com o início do Século XX e o fim da I Guerra Mundial, houve um grande evento que mudou o mundo islâmico de forma crucial – o fim do Império Turco-Otomano e do Califado que existiu, e segundo Lewis (2004, p.23), causou um efeito “bomba relógio” que explodiu no 11 de setembro. Seus principais expoentes foram os teólogos islamitas Sayyid Jamāl ad-Dīn al-Afghānī, Abdu'l-Bahá Abbās Effendí e Hassan Al Banna, pai da Irmandade Muçulmana (MESSARI, 2005; CHEREM, 2010). Semelhante ao Wahhabismo<sup>12</sup>, onde tentam purgar o Islã de influências sociais e culturais de fora do islã tradicional e pregam voltar para o Islã ortodoxo praticado pelos "ancestrais piedosos", ou seja, Maomé e seus sucessores imediatos, aderindo a uma interpretação "pura" do Alcorão. O Salafismo pode ser apolítico, político ou militante no sentido jihadista. É a principal ideologia de um movimento jihadista transnacional de que a Al-Qaeda é o representante mais proeminente (COTTEE, 2009, p.12).

Esse movimento religioso criado no Egito e amplamente difundido no universo sunita, causou uma série de mudanças conceituais em toda a estrutura teológica no islamismo sunita, devido principalmente a criação da Irmandade Muçulmana. Segundo Messari (2005, p.5), essa

---

<sup>12</sup> **Wahhabismo** ou **Waabismo** (árabe: الوهابية) é um movimento muçulmano ultraconservador que teve a sua criação na Arábia Central em meados do século XVIII e originalmente criado por Muhammad bin Abd al Wahhab.



organização política religiosa proporcionou a popularização da ideia de retorno ao Islã primitivo, defendida e promulgada no salafismo. Para isso, houve um processo de doutrinação teológica alienador que formou gerações de “devotos” aptos a todos os tipos de missões, inclusive o martírio (STERN, 2004; MESSARI, 2005).

Terrorismo - prática política de quem recorre sistematicamente à violência contra as pessoas ou as coisas provocando o terror. O exemplo mais conhecido do terror é, naturalmente, o do período da ditadura do Comitê de Saúde Pública, liderado por Robespierre e Saint-Just durante a Revolução Francesa (1793-1794). Porém, mas já quase três séculos antes Maquiavel lembrava que "para retomar o Estado (ou seja, para conservar o poder) era necessário periodicamente espalhar aquele terror e aquele medo nos homens que o tinham utilizado ao tomar o poder" (Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio, III, I) (BOBBIO, 1998).

Terrorismo Islâmico - em árabe: إرهاب إسلامي, transliterado *'irhāb 'islāmī*, também conhecido como terrorismo islamita ou terrorismo salafista, é uma forma de terrorismo religioso cometida por radicais islâmicos com o propósito de atingir variadas metas políticas e/ou religiosas. O terrorismo islâmico foi identificado como tendo ocorrido em locais do Oriente, África, América do Sul, Europa, Ásia Meridional (incluindo Índia e Paquistão, Sudeste Asiático, e nos Estados Unidos, desde pelo menos a década de 20, com o recrudescimento do discurso da Irmandade Muçulmana, no Egito) (MESSARI, 2005). Organizações terroristas islâmicas se envolveram em táticas que incluem ataques suicidas, sequestros, sequestros de aviões e vêm recrutando novos membros através da Internet.

Califado Universal - Califado (do árabe خلافة, transl. *khilāfa*) é a forma islâmica de governo que representa a unidade e liderança política do mundo islâmico. A posição de seu chefe de Estado, o califa, baseia-se na noção de um sucessor à autoridade política do profeta islâmico Maomé. Esse modelo teocrático vigio no mundo islâmico até o fim da Primeira Guerra Mundial, quando houve a partilha do território do Império Turco-Otomano pelas potências vencedoras (LEWIS, 2004). É esse modelo de gestão que o mundo islâmico deseja e que o salafismo preconiza em sua teologia.

### 1.3 – EXEGESE

Desde o início, o islã foi uma religião missionária por excelência, e tinha como missão a conversão de toda a humanidade (WATSON, 2004), e apesar de que no início do salafismo a ideia era de abertura, reforma da fé, aos poucos os intelectuais islâmicos influentes no campo religioso muçulmano sunita internacional que se intitularam “piedosos” radicalizaram a dialética do pensamento dos *Salaf Al Islam* (MESSARI, 2005). Entre esses, temos Sayyid Jamāl-ad-Dīn al-Afghānī mais conhecido por Al Afghani (1838 -1897), Abdu'l-Bahá Abbás Effendí, mais conhecido por Abdu (1844-1921) e Hassan Al Banna, que na década de 20 criou a Irmandade Muçulmana no Egito. Estes reivindicam o título de “salafistas”, como são geralmente conhecidos os que aderem a essa doutrina (MESSARI, 2005). Os “*Salaf*” são os piedosos das primeiras gerações de Muçulmanos. Esse título refere-se aos Companheiros do Profeta, seus seguidores e aqueles que os seguiram. A sua importância foi enfatizada pelo Profeta, quando ele disse:

“Não deixará de existir um grupo vitorioso na minha Nação (que estará) sobre a verdade, eles não serão prejudicados por àqueles que os abandonaram e àqueles que os opõem. Eles permanecerão nessa condição até combaterem os falsos Messias, o Dajjal”. [Sahih Muslim].

Ele tornou claro que esse grupo vitorioso seriam os seus Companheiros e àqueles que os seguem, quando ele disse: “... e esta Nação de Muçulmanos irá dividir-se em 73 seitas, todas elas irão para o Fogo (Inferno) exceto uma” e foi perguntado qual seria a seita salva, ele respondeu: “Esta em que Eu e os meus Companheiros estamos hoje” [Tirmidhi<sup>13</sup>]. Um “*Salafi*”,

---

<sup>13</sup> Abu 'Isa Muhammad ibn' Isa as-Sulami al-Būghī. Seu anúncio *Darīr at-Tirmidhi* (em árabe: أبو عيسى محمد بن الترمذي, persa: ترمذی, Termezi, 824-8 de Outubro de 892), muitas vezes referido como *Imam at-Termezi / Tirmidhi*, foi um persa estudioso islâmico e escritor de *hadith*, que escreveu o al-Jamī` as-Sahih (conhecido como Jami` at-Tirmidhi), uma das seis compilações do *hadith* canônico no Islã sunita. Ele também escreveu o *Shama'il Muhammadiyah* (popularmente conhecido como *Shama'il at-Tirmidhi*), uma compilação de *hadiths* Relativamente-a-pessoa e pelo caráter de-profeta islâmico Maomé. *At-Tirmidhi* também foi bem versado em gramática árabe, favorecendo-a escola de *Kufa* sobre as formas de preservação de Basra do árabe, poesia como fonte primária.

entretanto, é um indivíduo que segue com sinceridade o caminho dos *Salaf* com o melhor das suas habilidades.

Os Fundamentos Básicos do salafismo:

1. Submissão exclusiva à *Allah* no Seu Senhorio (*Ar-Rububiyyah*), na Adoração (*Ibaadah*) e nos Nomes e Atributos (*Al-Asmaa was-Sifaat*);
2. Aderência ao caminho do Profeta em todos os aspectos da vida;
3. Purificação da alma baseada em texto claros do *Al-Qur'an* e da *Sunnah*.

O Salafismo como um movimento conservador, seguido por muitos grupos islamitas sunita, iniciado no século XIX e posteriormente voltando à prática na década de 20 do século passado, possui como seu principal expoente, Hassan Al Banna, criador da Irmandade Muçulmana no Egito. Posteriormente, na década de 60, surgiu Sayyid Qutb que propôs uma re-islamização dos povos muçulmanos, para poder ser viabilizada uma espécie de califado mundial, ao inserir o discurso político-religioso no contexto de restauração da identidade política e religiosa islâmica (MESSARI, 2005, p.4).

O contexto vivido nas sociedades de países com predominância sunita, frente à secularização e a tentativa do ocidente em exportar o modelo de democracia ocidental para dentro do seio das nações islâmicas, os fizeram se sentir afrontados<sup>14</sup>. A *Salafiyya*, originalmente era um conceito reformista, focado naqueles que seguiam o exemplo dos Companheiros (*salaf*) do Profeta Maomé (*Mohammed*), mas, desde a radicalização promulgada pelo egípcio Sayyid Qutb, que passou a identificar este processo de interação como sendo objeto do ocidentalismo, criando uma ruptura político-religiosa na sociedade egípcia da década de 60 do século XX (Ibid).<sup>15</sup>

De Sayyid Qutb até a hoje, existem muitos ícones dessa linha que se empenha no tradicionalismo e com a ruptura do pensamento ocidental, bem como com todo o Ocidente.

---

<sup>14</sup> C.F, SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* / Edward W. Said; tradução Tomás Rosa Bueno. - São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Esse arranjo filosófico religioso, que durante as décadas de 20 e 30 do século XX, promulgava a ruptura da *Salafiyya* com o secularismo ocidental, seus valores, modo de vida, política e costumes, às quais se desenvolveram em diferentes direções, tais como o *Wahhabismo* nascido na Península Arábica, por Muhammed Ibn ‘Abd al-Wahhab, inspirado por Ibn Taymiyya (teólogo sírio do século XIII), a Escola Deobandi, originária da Madrassa *Dar ul Ulum*, na Índia e o *Tabligh Jamaat*, movimento islâmico conservador também nascido na Índia, em 1926, tendo este último sido a gênese ideológica dos Talibãs (MESSARI, 2005, p. 6).

## **CAPÍTULO II**

### **SALAFISMO, JIHAD E O DESEJO DO CALIFADO UNIVERSAL – UMA REFLEXÃO FILOSÓFICO-CONCEITUAL**

O salafismo seguido e praticado por muitos grupos islamitas sunitas que são hostis às inovações condenáveis pelo Islã, com interpretações literais do alcorão, vem produzindo uma grande quantidade de “exegetas islâmicos” que tentam recriar um Islã em oposição à ocidentalização focando na transformação do comportamento do indivíduo, impondo o código de conduta rigoroso na observação das prescrições da fé através da *Sharia*.

Enquanto esse problema era restrito apenas ao Estado de Israel na sua luta com a extinta OLP (Organização para Libertação da Palestina), e hodiernamente ao Hamas e Hizbullah, não interessava as grandes potências. Pelo contrário, era tolerado. Contudo, como o Salafismo contemporâneo deita suas raízes na interpretação radical do Alcorão, este processo se espalhou rapidamente, principalmente após a década de sessenta, tendo seu ápice com o 11 de setembro, trazendo para a pauta das potências ocidentais o terror islâmico, e, após haver uma renovação do discurso, uma espécie de ressurreição dogmático-religiosa causou uma verdadeira “euforia”, um *boom* de organizações terroristas em todo o mundo, inclusive no Brasil, como matéria da Revista Veja, da edição nº 2211 de 6 de Abril de 2011.

No Afeganistão com o surgimento do Talibã, cuja “permissão” de *Alah* é usada como argumento teológico para usar todos os meios necessários, inclusive a metodologia do *Takfir*<sup>16</sup>, afirmando que o islã está sob ataque do ocidente, quando da tentativa de estabelecer, nos países muçulmanos, democracias nos moldes ocidentais (Ibid).

Segundo Cherem (2010, p. 19), os movimentos islâmicos são classificados em três tipos:

**Políticos** – Evitam serem e estarem envolvidos em confrontos e se empenham no jogo democrático, tais como o partido turco AKP (*Adalet ve Kalkinma Partisi*). Evitam a violência, exceto em casos de ocupação estrangeira. Ator característico o militante partidário;

**Missionários** – Contemplados no bem organizado Tabligh, partido originário do subcontinente indiano, enfatiza a pregação e não deseja o poder político. Ator característico: Missionários (*du'ât*), ulemás;

**Jihadistas** – Pregam a luta armada, em suas três variações: interna (lutar contra os governantes ímpios muçulmanos); irredentista (liberar território governado ou ocupado por não muçulmanos) e global (combater o Ocidente). Ator característico: combatente (*al-mujâhid*).

Como evidenciamos nos argumentos acima, temos contemplado uma disseminação desta última categoria de pensamento, com mais forte atuação no Oriente Médio, na Europa, Ásia e na África, onde clérigos usam seus sermões para instigar o *jihad* como ferramenta política e religiosa. Podemos citar alguns na atualidade como Abu Mus'ab al-Suri, Abu Qatada al-Filastini, Abu Hamza al-Masri e Omar Bakri Muhammed, o falecido Osama Bin Laden e o Abu Bakr al-Baghdadi, líder do Estado Islâmico ou ISIS.

Outro fator que devemos considerar é o problema da identidade islâmica (CASTELLS, 1999; STERN, 2004; HATINA, 2007; MCSWEENEY, 2004). Os movimentos islâmicos, de uma forma geral impregnam as massas com ideias de que o islã está sob ataque do ocidente, e que esse ataque na verdade propõe uma espécie de assimilação, que, no ponto de vista islâmico é *haram*<sup>17</sup>. Este fator nos remete a entender toda a progressiva degeneração social provocada com o que aconteceu nos eventos do 11 de setembro – a alma islâmica foi lavada com o sangue

---

<sup>16</sup> Uma espécie de jurisprudência islâmica que libera o muçulmano para usar de todo e qualquer meio para ludibriar o infiel no intuito de promulgar a implantação do islã, inclusive o *Jihad* em suas mais diversas faces, inclusive o terrorismo.

<sup>17</sup> *Haraam* – (em árabe: حرام; transl.: ḥarām), termo utilizado para designar tudo o que é contrário aos preceitos islâmicos (o oposto a *halal*).

dos infiéis<sup>18</sup> (WAINBERG, 2007). Isso demonstrou uma vitória do pensamento de Al Banna, que logo se replicou em todo mundo demonstrando que é possível proferir golpes fulminantes contra os infiéis; como visto em Madri, Holanda, Turquia, França, Indonésia, isso só para citar alguns eventos que impactaram o mundo acerca do terror islâmico, estimulado principalmente por causa da identidade como elo político-religioso, do que pelo fato em si. Muitos, nada ou muito pouco conhecem do mundo extra islâmico, e isso de certa forma contribui para o constante reabastecimento de voluntários para lutar por *Alah*.

Outro ponto que facilita essa atração ao salafismo é o ressurgimento do nacionalismo europeu, pautado na velha xenofobia já conhecida, travestida de islamofobia. Não dá para esquecer que todas essas atividades trazem subliminarmente o toque do que os Norte-Americanos definiram como “monarquias do turbante”. Lembrando que dentre os membros do ataque do 11 de setembro em sua maioria eram de cidadãos de países alinhados com EUA, direta ou indiretamente (sauiditas em sua maioria).

## **2.1 - O AVANÇO DO SALAFISMO COMO TEOLOGIA RADICAL ANTI OCIDENTE**

Devido a toda a notoriedade ganhada pela Al Qaeda após o ataque as torres gêmeas do World Trade Center, em setembro de 2001, os salafistas passaram a associar a luta armada também como uma forma de ascensão espiritual (STERN, 2004; LEWIS, 2004; ARAÚJO, 2004). Toda a cobertura provocada por todos esses eventos, de certa maneira transformam os salafistas militantes em atores das relações internacionais. Esse fenômeno, além de contraditório é profundamente controverso. Inexoravelmente, criou-se uma espécie de “glamour” em ser terrorista. Isso está sendo evidenciado nesse momento em todo o mundo com a ida em massa de jovens islâmicos para as fileiras jihadistas em algum conflito que esteja acontecendo no mundo islâmico.

---

<sup>18</sup> WAINBERG, Jacques, A. A pena, a Tinta e o Sangue: a Guerra das ideias e o Islã / Jacques A. Wainberg. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 102.

Da guerra civil Síria ao Afeganistão, passando pelo norte da África, Europa e Ásia Central, estamos contemplando um avanço no número cada vez maior de salafistas jihadistas participando efetivamente em algum conflito. O efeito do 11 de setembro lançou uma renovação do discurso salafistas acerca dos infiéis, de que podem e serão derrotados pelo o islã e por *Alah*.

Ao retornarmos a questão da identidade, não podemos deixar de falar de globalização, seus efeitos nocivos e nefastos e como trouxe uma maior assimetria entre as sociedades dos países centrais frente aos estados periféricos do sistema internacional (SANTOS, 2001). A identidade islâmica traz consigo muitos outros significados pouco ou nunca elencados – a subserviência social ao seu líder, seja político ou religioso e a pouca ou nenhuma experiência em regimes democráticos.

Isso realmente tornou-se o “calcanhar de Aquiles” do ocidente. Nada incomoda tanto os Estados islâmicos do que essa tentativa de imposição do modelo democrático ocidental (MESSARI, 2005; LEWIS, 2004). É exatamente acerca desse discurso que o salafismo está combatendo o ocidente e tudo que ele realmente representa (Idem). Contudo, a problemática não se restringe apenas ao modelo democrático, mais a toda a influência ocidental no mundo islâmico. Esse fator é o que está retroalimentando o ideário salafistas, apontando essa influência como todo o tipo de mazela que assola o mundo islâmico. Não dá para combater nessa seara os salafistas, pois não deixa de ter sua verdade essa retórica.

Durante mais de cem anos as potências ocidentais dilapidaram os recursos naturais dos povos islâmicos no oriente próximo, África e Ásia, sob o pretexto de avanço tecnológico-cultural e distribuição de riqueza. Pura falácia ocidental. Foi a partir daí que o primeiro discurso antiocidental se fez ouvir no oriente médio. Seu pioneiro foi o colaborador nazista no Oriente Médio, Haj Amim Al Husseíni, o mufti de Jerusalém e tio do Yasser Arafat, fundador da OLP, quando em 1929, insuflou os moradores árabes de Jerusalém contra os judeus que lá viviam desde meados do século XIX, como consta em senso britânico do fim do século XIX, no então mandato Britânico no Oriente Médio<sup>19</sup> (GOLDSTEIN, 2009).

---

<sup>19</sup> **Solução Para A Paz: entendendo o Oriente Médio/** [organização: Comissão Nacional de Direitos Humanos; coordenação Abraham Goldstein]. – São Paulo: Associação Beneficente e Cultural B'nai B'rith do Brasil, 2009, p.22.

Esse pensamento reacionário está fazendo com que todos os ramos do islã abordem esse pensamento, replicando-o e o pior, disseminando um antiocidentalíssimo radical, de motivação político-religiosa, fruto direto dessa retórica salafista contra os ícones do ocidente e da democracia – o secularismo. Toda a formação teológica do salafismo atual está calcada nessa retórica antiocidental. Portanto, as assimetrias provocadas pelas sociedades democráticas funcionam como ponto de ignição e ao mesmo tempo combustível ideológico-religiosa ora presenciados (CHEREM, 2010; LEWIS, 2004).

## **2.2 - SEGUNDO O SALAFISMO: ISLÃ E DEMOCRACIA, CONTRASSENSO?**

A pergunta acima nos remete a uma série de conjecturas. Diante de tudo que já foi analisado, podemos sim afirmar que há não só um contrassenso, há uma antítese, ou seja, é impacificável. O que mais o discurso salafistas promulga é exatamente o desejo de produzir uma “re-islamização” no mundo islâmico, que deverá se espalhar para todo o mundo (Califado Universal) pois, para essa corrente teológica islâmica não há como conciliar as duas coisas, em face de haver um comprometimento do ideal de pureza do povo islâmico (MESSARI, 2005; CHEREM, 2010).

Outra evidência clara dessa irreconciliação se dá na própria ideia do nome *salaf*, que significa literalmente “piedoso”. Mas, sob que aspecto esse fiel pode ser visto como piedoso? Seguindo as orientações do profeta e de seus companheiros. Daí podemos perceber esse combalido desejo de conciliação. Vejamos o porquê:

- O Salafismo em sua essência promulga o desejo de retorno a fé genuína;
- As democracias ocidentais promulgam o capitalismo globalizado. O materialismo em sua apresentação mais voraz e a total separação entre religião e política desde a idade média nos tratados de westiphália, em 1648<sup>20</sup>;

---

<sup>20</sup> A chamada Paz de Westphalia (região do norte da Alemanha) resultou da assinatura de um conjunto de tratados diplomáticos em 1648, que puseram fim à Guerra dos Trinta Anos (1618-48). Este conjunto de tratados definiram o conceito de Estado-Nação, trouxeram a ideia de separação entre igreja e Estado e definiu o conceito de Estado como o conhecemos hoje: Povo, Governo e Território.



- O Salafismo é completamente incompatível com democracia, por pregar uma teocracia sunita;
- A democracia não está habilitada para as particularidades dos povos islâmicos;

Não há, pelo menos a curto prazo a possibilidade dessa conciliação tão pregada pelas potências ocidentais. Sua influência no mundo islâmico é tal que pessoas morrem voluntariamente por essa doutrina. Outra questão que corrobora esse problema é que no modo de produção capitalista a única coisa que possui valor é o capital (SANTOS, 2001).

Com isso fica claro que não há ou haverá espaço para o diálogo com o ocidente sem que haja um processo de conversão total e completa ao islã. Esse estado de total alienação proclamado é programado pelos radicais e para o radicalismo, fazendo milhões de seres humanos em massa de manobra do sistema islâmico, programados para despejar todo seu ódio contra os infiéis e seu modo de vida.

Esses fatos ficam cada vez mais claros aos leigos com os exemplos abaixo:

- O sequestro de mais de duzentas meninas pelo grupo terrorista nigeriano Boko Haram, na África subsaariana como desejo de erradicação dos infiéis;
- Guerra civil na Síria com o envio e recrutamento de salafistas do mundo inteiro para lutar contra o ditador Sírio Bashar Al Assad;
- O surgimento do ISIS – Estado Islâmico do Iraque e do Levante, como ícone máximo do salafismo jihadista, inclusive reivindicando a criação de um Califado islâmico em territórios da Síria e do Iraque.

### **2.3 - O PROGRESSO DO SALAFISMO RADICAL PÓS SAYYID QUTB**

Na década de 60 do Século XX, surge no cenário político do oriente médio a figura do Sayyid Qutb. O discurso era de radicalizar o pensamento dos primeiros salafistas egípcios, produzindo o que Waltz define como fator de origem do conflito internacional “...do egoísmo, de impulsos agressivos mal canalizados, da estupidez.” (2004, p. 23), ele afirma que o temperamento belicoso do ser humano é um fator de importante relevância para se entender o fenômeno dos conflitos. Partindo dessa linha de interpretação, analisamos o perfil belicoso do discurso de ódio de Sayyid Qutb e sua atuação no cenário político do Oriente Médio.

Segundo Messari, seu maior argumento era a ideia de que a modernização era diretamente influenciada pela ocidentalização, o que impedia um islã puro e voltado para seus

próprios valores e costumes. De certa forma ele tinha razão, pois esse processo de aculturação trazia consigo elementos de forte ocidentalização (2005, p. 5). Esse processo de ocidentalização era o fator de empobrecimento dos costumes da vida islâmica propriamente dita. Com isso, trazia a sociedade muçulmana ao período pré-islâmico ou *Jahilia*<sup>21</sup>. Ele preconizava na sua retórica um novo processo de re-islamização da sociedade islâmica, pregando uma conversão dos povos islâmicos, agora com a perspectiva de retorno ao “islã verdadeiro”, num processo de islamização por baixo (Ibid).

Para Qutb, era inadmissível a manutenção da sociedade muçulmana ocidentalizada, já que era assim que era visto o processo de modernização da sociedade islâmica mundial. A reboque desse pensamento surgiu uma série de controvérsias que culminaram no surgimento da OLP (Organização para Libertação da Palestina), onde seu ícone máximo, Yasser Arafat, nascido Mohammed Abdel Rahman Abdel Raouf Arafat al-Qudwa al-Husseini, era não somente contemporâneo de Sayyid Qutb, mais um forte admirador de sua pregação nacionalista. Foi essa a ideologia que acompanhou toda a história de sua família, desde o Iêmen até o Egito, onde nasceu e aprendeu com o seu Tio, o “Mufti” de Jerusalém, Haj Amim Al Husseini toda a radicalização do terrorismo islâmico e antissemitismo, que, posteriormente se cristalizou após o surgimento de Sayyid Qutb.

Essa ideia promulgada por Qutb foi, sem sombra de dúvidas, a mais importante ideologia pregada no mundo islâmico, servindo inclusive como fonte ideológica para a criação de diversos grupos salafistas jihadistas, da OLP a Al Qaida. Esse personagem demonstra claramente que, muito dos que se entendem por jihadistas, nada mais são do que fruto de uma deturpação do discurso salafistas que prega o retorno à fé dos piedosos seguidores do profeta através da violência, do antissemitismo e da radicalização do discurso dos *Salaf Al Islã*.

---

<sup>21</sup> Processo de total ignorância da fé islâmica observada no período anterior a criação e implantação do islã.

### CAPÍTULO III

## O NASCIMENTO DO TERRORISMO ISLÂMICO MODERNO

Na literatura, podemos elencar cronologicamente o surgimento do salafismo como início do terrorismo islâmico contemporâneo através de uma constante alienação e deturpação da realidade política mundial (CASTELLS, 1999; MCSWEENEY, 2004; MESSARI, 2005; STERN, 2004). Segundo Messari, o surgimento do salafismo produziu um “bolsão” ideológico radical, surgido nas décadas de 20 e 30 até os nossos dias. Essa série de fenômenos religiosos estão intrinsecamente associados a dois pontos importantes: ocidentalização dos povos islâmicos e a criação ou adaptação às ideias de “nação muçulmana” como fator de identidade nacional (idem).

A criação da ideia de “nação muçulmana” extrapola todas as divisões e subdivisões dentro das sociedades islâmicas e, mesmo assim, encontra eco no mundo muçulmano. O processo de doutrinação religiosa enfoca principalmente esse tema por dar a impressão de “nós” aos muçulmanos e o “eles” aos não muçulmanos, identificando “nós” como os “fiéis” e o “eles” como “infiéis” (Ibid). Essa metodologia segregatória não nasceu no islã, vem da idade média quando do estabelecimento dos estatutos de sangue solicitados pela igreja católica através do Édito de Toledo, e ratificado pela Bula Papal de Nicolás V (ACHA, 1991, p.4) para separar os cristãos dos judeus e posteriormente dos muçulmanos<sup>22</sup>.

Foi nessa mesma linha que o nazismo atuou, incluindo o termo ariano no lugar de cristão, e é esse modelo o aplicado pelos salafistas para identificar os “fiéis” dos “infiéis”, onde os fiéis são os muçulmanos e os infiéis os não muçulmanos (LEWIS, 2004; STERN, 2004, p. 39-42). Essa retórica consta em todos os discursos dos clérigos que pregam a jihad como ferramenta de expansão do islã e erradicação dos não muçulmanos do mundo.

---

<sup>22</sup> Neste Edito, os cristãos-novos eram acusados de indignidade em assunto de religião, pelo fato de guardarem os preceitos da lei Mosaica e referirem-se a Jesus de Nazaré como sendo um judeu [...]. Alegava também que na Sexta-Feira Grande, enquanto nas Igrejas eram consagrados o óleo sagrado e a imagem do Redentor celebrizada no altar, os conversos matavam cordeiros e ofereciam sacrifícios (CARNEIRO, 2005, p. 37).

Essa ideia de nação realmente se atrela ao contexto de identidade, ao conclamarem a ideia de “nação islâmica” e soa como explicação da origem dos conflitos no mundo islâmico de forma tão visceral (HATINA, 2007; CASTELLS, 1999). O Sistema internacional contemporâneo, com o paradigma westfaliano ruindo a olhos vistos, devido a emergência de grupos terroristas como atores não estatais de relevância no sistema internacional, necessitando de uma maior compreensão acerca do que vem a ser esses atores não estatal das RI.

Esses atores, diversos grupos salafistas jihadistas operando com relevância no sistema internacional, muito rapidamente estão angariando preponderância política. Esta preponderância que vem interagindo no seio dos Estados islâmicos tem produzido forte impacto em como os Estados nacionais se comportam no sistema internacional, no sentido de que o homem é quem processa as ideias no seio dos Estados (WALTZ, 2004), quando Waltz analisa a relevância dos problemas intraestatais como influência aos embates interestatais. Como exemplo disso, temos os problemas oriundos dos eventos denominados de Primavera Árabe, que não mais podemos chamar assim, pois, esses eventos culminaram com várias guerras civis, sendo as mais importantes a da Síria e do Egito.

### **3.1- O SALAFISMO COMO FERRAMENTA DO TERROR**

Neste capítulo, faremos uma explanação de como a retórica salafistas passou à prática e tornou-se uma das mais influentes correntes teológicas que alimentam o ideário terrorista em todo o mundo, sua propagação, seu *modus operandi*, pensamento, maiores e mais influentes salafistas desta corrente teológica islâmica.

Segundo Bernard Lewis, mais de 90 por cento dos grupos terroristas islâmicos sunitas são de orientação salafistas (LEWIS, 2004; SCHMIDT, 2011). Esses fatos demonstram claramente uma preponderância do islamismo sunita como maior alimentador da *jihad*. Não que só hajam terroristas sunitas. Existem alguns grupos terroristas xiitas, porém sua presença é ínfima frente ao terrorismo sunita. De todas as organizações terroristas, com exceção do Hizbollah, por ser de orientação xiíta, a maioria são de sunitas, com orientação salafista (TYAN, 1991).

A retórica acerca da identidade islâmica, vem impregnada de um assunto tão recorrentes quanto o da identidade islâmica – *Jihad!* Acerca dessa doutrina, poderíamos nos

delongar por muito tempo, analisando exaustivamente a temática. Contudo, iremos focar apenas os impactos teológico-sociais da prática da *jihad*.

Youssef Alvarenga Cherem, em tese defendida na Universidade Estadual de Campinas, *A crença, a lei, a guerra: Uma análise do pensamento de 'Isâm Muhammad Tâhir al-Barqâwî*, ele dissecar certos pontos dessa doutrina que achamos pertinentes focar:

1. Que a *jihad* não necessariamente é uma guerra santa, pois literalmente significa esforço ou luta interior, contudo esse sentido não faz mais parte da jurisprudência islâmica, tendo sido incorporado sentido belicoso de “*jihad al sayf* (jihad da espada), sendo sinônimo, no Alcorão “*qital fi sabilillah*” (CHEREM, 2010, p. 41);
2. A politização do sentido de *jihad*, como ferramenta de manobra política para que ditadores desfoque problemas intraestatais e de criação da imagem de que há uma “nação” islâmica que sobrepõe as fronteiras nacionais em uma espécie de organismo transnacional e identidade islâmica;
3. Outra definição é da Enciclopédia Islâmica: “*Na lei, de acordo com a doutrina geral e na tradição histórica, a jihad é composta por uma ação militar com o objetivo de expansão do Islã e, se necessário, de sua defesa.*” (Ibid).
4. E por fim, um conceito menos belicoso e mais filosófico que é o conceito de luta espiritual para a elevação e purificação do ser, ideologia básica do sufismo (Ibid).

O Salafismo, como doutrina de maior envergadura dentro do islamismo sunita, prega abertamente o *jihad* como meio legítimo de combater os infiéis. Entretanto, esta prática também pode ser aplicada aos muçulmanos “apóstatas”, governantes ímpios, ladrões de estrada e aos rebeldes do islã (Ibid), como meio de “re-islamizar” sob a égide da *sharia*. Mas, para que isso ocorra, muita doutrinação foi necessária, como ferramenta de alienação religiosa contra os inimigos do islã, através de líderes inspiradores que levam os devotos *mujahedin* ao martírio (STERN, 2004, p. 40), como descrito em um post nas redes sociais do Hamas intitulado: “*jihad is our way, and death is our wish!*”, que podemos traduzir mais ou menos como o “*jihad é o nosso caminho, e a morte é o nosso desejo*”, grifo nosso, bem como no estatuto de fundação do mesmo.<sup>23</sup>

Como já dito, o desejo dos salafistas é o estabelecimento de califado universal através de qualquer meio, inclusive o *jihad*, onde, somente os fiéis estarão aptos a compartilharem desse direito. De Haj Amim Al Hussein, Sayyid Qutb, Hassan Al Banna e Yasser Arafat<sup>24</sup>, há cada

---

<sup>23</sup> Disponível no link: <http://pt.scribd.com/doc/204273249/INTEGRA-DO-ESTATUTO-DO-HAMAS>

<sup>24</sup> Apesar de Yasser Arafat haver mudado seu discurso, seu legado salafistas ainda é apregoado nas áreas dominadas pela Autoridade Palestina e por grupos terroristas palestinos atuantes naquela região.

vez mais voluntários dispostos a efetivarem o sonho salafista de varrer todo o mundo com o islã (LEWIS, 2004, p. 129-149). Essa mobilização traz consigo sérios e preocupantes problemas:

- Conflitos sectários em meio a populações xiitas e cristãs (Síria, Egito, Líbano, Gaza, Cisjordânia e Iraque), já que pertence ao islã sunita;
- Violações dos direitos humanos por parte de grupos terroristas (Síria, Egito, Líbano, Gaza, Cisjordânia, Mali, Líbia e Iraque);
- Guerras assimétricas ou de guerrilha, onde os radicais se misturam entre os civis como uma estrutura de mimética de combate (Síria, Egito, Líbano, Gaza, Cisjordânia, Líbia, Malí, Iêmen, Tunísia e Iraque);
- Aumento do número de refugiados políticos e/ou religiosos, causando sérios problemas humanitários (Síria, Iraque, Jordânia, Turquia, dentre outros).

Esse aumento está quantificado pela ONU na casa de mais de 50 milhões de pessoas. Todos esses dados são aproximados, pois nem mesmo a ONU pode precisar com certeza esses números. O caso mais grave é o do Iraque e da Síria. Esses dois Estados estão sendo varridos e devastados direta ou indiretamente pela atuação de grupos salafistas. Todas as informações que nos chegam são de que vários genocídios estão ocorrendo simultaneamente nesses dois Estados. Um pelo ditador sírio Bashar Al Assad e o outro pelo Estado Islâmico, que, na luta pelo poder e estabelecimento de um califado têm perpetrado ações de barbárie sem precedentes.

Com isso ocorre como um efeito em cascata por todo o mundo muçulmano, inclusive com o recrutamento de jihadistas de origem europeia para atuarem em grupos salafistas no Oriente Médio, Ásia, Europa, África e América. Esses indivíduos recrutados nas sociedades ocidentais como Reino Unido, França, Alemanha, Espanha e Portugal, demonstram que essa tática é extremamente eficaz (STERN, 2004, p. 167-204).

Se engana quem acha que são pobres ou desinformados. Pelo contrário, muitos deles possuem pós graduação, mestrado e às vezes até títulos de doutorado, como Abu Bakri Al Bhagidad, Yasser Arafat, Mahmud Abbas. Nos protestos no início dos anos 80 e 90 do século XX, bem como nas universidades do Egito, e mais recentemente após a designada “primavera árabe”, onde o discurso jihadista nacionalista ganhou força e culminou com várias revoltas no

mundo islâmico, inclusive com a guerra civil síria<sup>25</sup> (MESSARI, 2005; CHEREM, 2010; LEWIS, 2004; STERN, 2004).

### 3.2 - O SALAFISMO COMO IDEOLOGIA TEOLÓGICA

Como praticamente toda a ideologia, o Salafismo possui um forte apelo aos corações de seus seguidores, predominantemente sunitas. Seus adeptos, muitos deles líderes de forte penetração social, costumam ser excelentes influenciadores de pessoas frustradas pelos seus problemas e sua assimilação às sociedades ocidentais ou ocidentalizadas (por exemplo, a maioria dos terroristas do 11 de setembro eram sauditas revoltados com a presença do “grande Satã” em terras sagradas da Arábia Saudita). Parece um paradoxo, porém não é. O processo de alienação a que esses indivíduos foram submetidos beira a lavagem cerebral (STERN, 2004, p. 9-27). Com isso toda frustração, ressentimento e ódio afloram de forma violenta, e muitas vezes, sem os “freios” sociais da ética e do politicamente correto.

É nesse ambiente de extrema polarização e revolta, que surge o habitat perfeito para o processo de doutrinação teológica. Líderes e teólogos radicais, iniciam seu processo de recrutamento e formação do *mujahedim*, ou guerreiros de *Allah*. Eles passam anos sofrendo uma lavagem cerebral com doses massivas de ensino religioso e ódio aos judeus e cristãos (Idem). Nesse momento, se criam bolsões de ódio, enfocando as mínimas diferenças, como serem sunitas, ocidentais, seculares, etc. Daí, ao início do conflito, só falta um catalizador, que em geral são os problemas políticos e sociais que rapidamente se tornam em problemas sectários ou religiosos, gerando uma forte onda de deslocados internos e/ou refugiados lotando os campos de refugiados em toda aquela região.

Segundo dados da ONU/ACNUR, o deslocamento forçado de civis por conflitos somente em 2013, foi na soma de mais de 50 milhões de pessoas<sup>26</sup>. Esse montante não

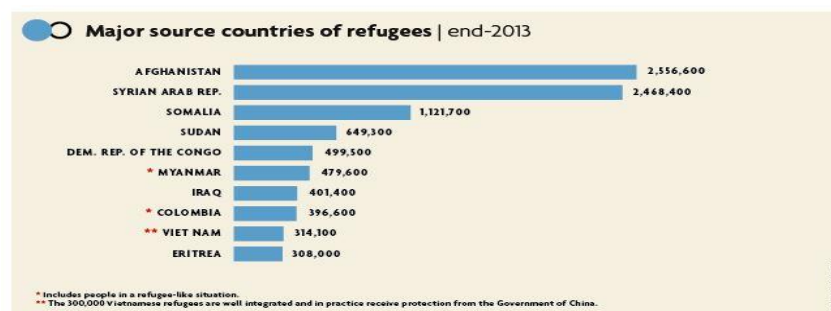
---

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=196&tipo=acervo>, acessado em 27 de novembro de 2014;  
<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Jornalista-e-blogueiro-egipcio-fala-sobre-rebeliao/6/16423>, acessado em 27 de novembro de 2014.

<sup>26</sup> Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/deslocamento-forcado-no-mundo-ultrapassa-50-milhoes-de-pessoas/>, acessado em 29 de agosto de 2014.

contempla o ano de 2014 por não terem os dados ainda consolidados, sendo que uma porção desses deslocados são e estão no Oriente Médio, onde atuam massivamente grupos terroristas de orientação salafistas. Abaixo selecionamos apenas uma amostra desses dados nos Estados com maior incidência de atividades salafistas:

Tabela 1: Estimativa de refugiados nos Estados em conflito no mundo até 2013.



Fonte: ACNUR/ONU

Nota-se que, dos Estados da amostra, no topo estão os que mais são impactados por esses grupos terroristas de ideologia salafistas, são o Afeganistão e a Síria. Eles, sempre estão dispostos a *jihad* como *mujahedim* ou guerreiros de *Allah* sem a menor preocupação com o amanhã. Nessa atmosfera de terror, se percebe a inteira devoção desses militantes a sua causa (Ibid). Contudo, ainda precisam ser quantificados os dados acerca da mais recente ameaça de ideologia salafistas – o Estado Islâmico ou o EI.

### 3.3 – FERRAMENTAS ANTITERROR: O COMITÊ DE COMBATE AO TERRORISMO DA ONU

Desde 2001, a ONU criou o Comitê de Combate ao Terrorismo das Nações Unidas, através das resoluções 1373/2001 e 1624/2005 do CSNU (Conselho de Segurança das Nações Unidas). A principal tarefa é “...para fortalecer as capacidades dos Estados Membros das Nações Unidas para combater as atividades terroristas dentro dos Estados, de suas fronteiras e em todas as regiões. O Comitê foi após os ataques terroristas perpetrados no 11 de setembro nos Estados Unidos de América”, grifo nosso. Esse comitê dispõe de dispositivos para



identificar e reforçar os Estados membros de capacidades jurídicas e institucionais para combater o terrorismo internacional<sup>27</sup>.

Esse Comitê permanente tem as seguintes atribuições:

- Visitas técnicas - a seu pedido do Estado membro, a fim de monitorar o progresso e avaliar a natureza e o nível de assistência técnica que o Estado venha a precisar na implementação da resolução 1373 (2001);
- Suporte - torna a ligação dos países para os diversos programas de assistência técnica, financeira, regulamentar e legislativo disponíveis e potenciais doadores;
- Relatórios dos Estados Unidos - relatórios nacionais fornecem um quadro completo da situação da luta contra o terrorismo em cada país e servir como uma ferramenta para o diálogo entre a Comissão e os Estados-Membros;
- Melhores Práticas - o objetivo é incentivar os países a implementar as melhores práticas conhecidas, códigos e normas, tendo em conta as suas próprias circunstâncias e necessidades, grifo nosso;
- As reuniões extraordinárias - o objetivo da sessão especial é estabelecer parcerias mais estreitas com organizações internacionais, regionais e sub-regionais relevantes, e ajudar a evitar a duplicação de esforços e desperdício de recursos através de uma melhor coordenação.

Contudo, apesar de todos os avanços, inclusive na ONU, a atuação deste Comitê, deverá ser ampliado para ações não só de consultoria, mas, acima de tudo, de atuação efetiva nos Estados de orientação islâmica. Esse trabalho, possui duas diretrizes essenciais elencadas por Jéssica Stern: Combater a alienação e a percepção de que estão sendo humilhados pelo ocidente.

Alienação, pois, segundo uma soma significativa de clérigos islâmicos associam o ocidente ao anti-islamismo ou secularização, o que não deixa de ser verdade (STERN, 2004, p. 9-39). A ideia de humilhação, devido a percepção de que os ocidentais estão nas terras muçulmanas para a exploração e locupletação de seus bens naturais e culturais (LEWIS, 2004, p. 129-149).

---

<sup>27</sup> Disponível em: <http://www.un.org/es/sc/ctc/>, acessado em 02 de setembro de 2014.

Esses dois temas, por si só já representam um desafio descomunal para o Comitê obter algum êxito, pois, sem sombra de dúvidas, essas são as principais sensações em todo os países islâmicos sobre a presença ocidental em suas terras. Outro fator que precisa ser ponderado é a militarização e a presença maciça de ditadores em praticamente todos os países islâmicos, monarquias ou repúblicas.

Esse fator de doutrinação antiocidental muitas vezes é o amálgama que sustenta a sociedade desses Estados. É através dessa retórica que se mantém no poder e se perpetua o processo de alienação e humilhação, que segundo Bernard Lewis, vem desde o fim do Império Turco-Otomano, no fim da I Guerra Mundial (LEWIS, 2004, p. 11-24).

Para que a ONU, através desse comitê específico logre êxito, muito precisa ser feito, inclusive acerca de questões bastante espinhosas, como constante conflito entre os sunitas e xiitas no Iraque e na Síria, o retorno do Talebã ao Afeganistão e Paquistão, a constante atividade terrorista do Hamas na Faixa de Gaza e Cisjordânia, além do Hizbollah no Sul do Líbano, e do grupo terrorista autodenominado Estado Islâmico que contribui de forma eloquente para a desestabilização do Oriente Médio e Ásia.

## **CAPÍTULO IV**

### **O ESTADO ISLÂMICO: RUMO AO CALIFADO**

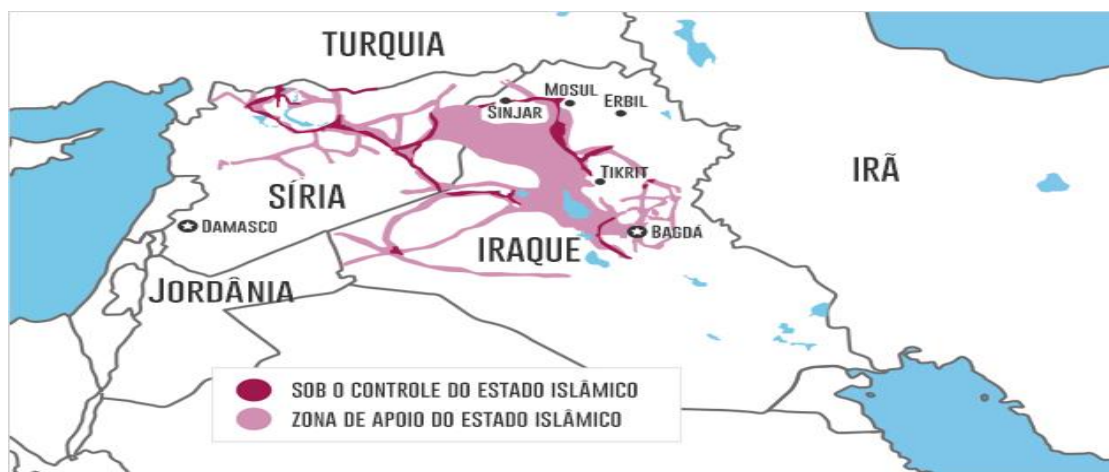
Segundo dados da Agência Central de Inteligência - CIA, o agora autodenominado Estado Islâmico, antes Estado Islâmico do Iraque e do Levante – ISIS, vem progredindo com uma ideologia de *jihad global*, em árabe *Dar Al-Harb (Casa da Guerra)*, e possui uma amplitude transfronteiriça, voltada para uma aplicação da metodologia de terror ao seu nível mais animalesco, inclusive possibilitando usar todos os meios para lutar contra os infiéis (LEWIS, 2004, p. 29). Esse modelo apocalíptico de guerra assimétrica, tende a incorrer em sérios problemas por onde eles passam.

Graves agressões aos direitos humanos, crimes de genocídio, práticas medievais, como a obrigação à infibulação feminina, inclusive utilizando-se de tribunais da *sharia* na aplicação das penas ou simplesmente realizando execuções sumárias aos que não praticam o islã em conformidade com a conduta desse grupo terrorista.

Esse grupo salafistas jihadista que surgiu com características de grupo de resistência, alinhado como braço da Al Qaeda no Iraque, pois os membros dos Estado Islâmico foram membros ativos da Al Qaeda, que foi influenciada pelo pensamento de Qutb (STERN, 2004; LEWIS, 2004, p. 45-49). Entretanto, seu caráter de organização de resistência rapidamente ganhou notória característica de grupo terrorista com uso massivo do terror, através da aplicação de execuções sumárias, milícias de assassinos e o uso de martírio (metodologia copiada da Al Qaeda). Esse grupo dissidente da Al Qaeda, altamente radical, vêm proporcionando uma escalada de violência sem precedentes no Iraque, Síria, Curdistão, inclusive com grandes ataques a vilas de etnias cristãs, muçulmanos alauítas e xiitas, com centenas de vídeos postados nas redes sociais na internet<sup>28</sup>.

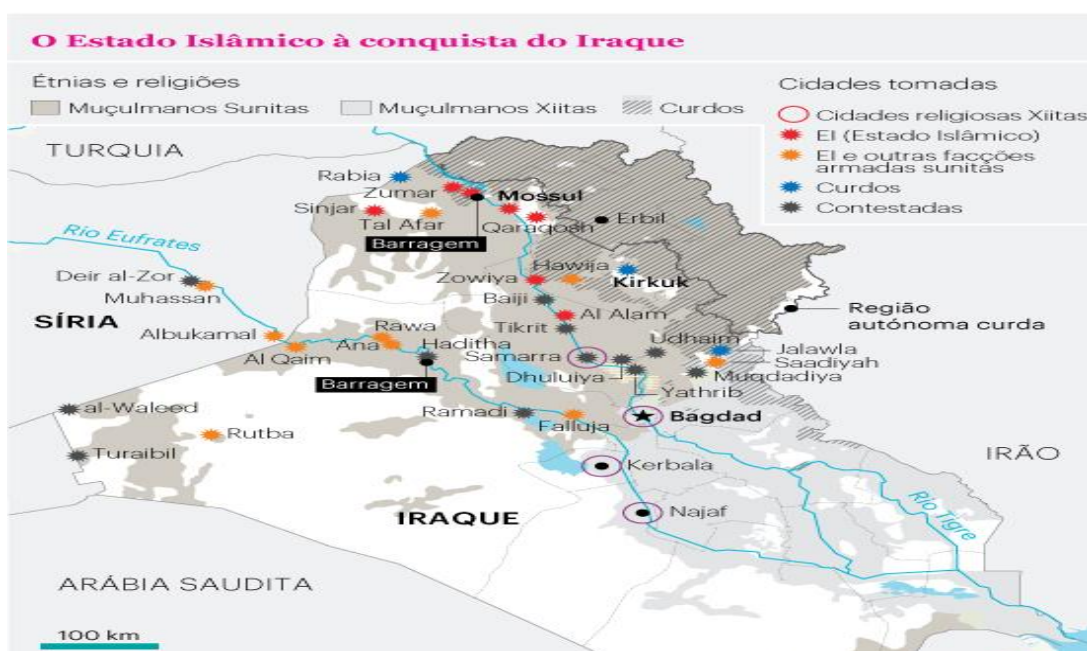
Esse grupo já angariou uma área maior que o estado de Sergipe, da Grã-Betanha ou o estado americano de Michigan. Essa extensa área que está sob égide do pensamento totalitário proposto pelo islã radical, sofre severas consequências da presença dos terroristas do Estado Islâmico, demonstrando geograficamente seu avanço e suas vitórias, mexendo no desenho geopolítico de todo o sub sistema do Oriente Médio, conforme as figuras abaixo:

Figuras 2: Áreas sob atuação do Estado Islâmico



<sup>28</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/09/estado-islamico-divulga-novo-video-de-decapitacao-de-refem-americano.html>, acessado em 02 de setembro de 2014;  
<http://www.valor.com.br/internacional/3679434/video-mostra-suposta-decapitacao-de-outro-refem-pelo-estado-islamico>, acessado em 02 de setembro de 2014;  
<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/estado-islamico-cumpre-ameaca-e-decapita-outro-jornalista-americano>, acessado em 02 de setembro de 2014.

Figura 3: Teatro de Operações do IE



Fonte: <http://www.publico.pt/mundo/noticia/obama-autoriza-ataques-aereos-contrajihadistas-no-norte-do-iraque-1665820>

Hoje, essa organização goza de total atenção das potências ocidentais, frente ao risco real de desestabilização da região, além é claro, da mudança geopolítica que está em curso com a implantação de um provável Califado. Toda a área do Oriente Médio é considerada estratégica para o ocidente, em geral aos EUA. Sem seus aliados na área a política externa estadunidense fica totalmente comprometida e desfocada, colocando em xeque todos os interesses da potência hegemônica, naquela região.

Outro fator de relevância é que, se houver uma vitória do Estado Islâmico nesse embate religioso com viés geopolítico, aliados históricos de Washington serão varridos do poder, por serem considerados muçulmanos déspotas e infiéis. Para o Estado Islâmico, todos os colaboradores do ocidente são traidores do islã e dos muçulmanos. Entre esses aliados de peso, temos Arábia Saudita, Jordânia, Turquia, Israel, dentre outros com menor relevância para Washington (EGERTON, 2011).

Entretanto, outro fator que deve entrar nessa equação geopolítica é o Estado Israel como fiel da balança, e de real poder militar na região. Principal aliado da potência hegemônica, o Estado de Israel possui poder militar considerável, que poderá ser utilizado como força dissuasora de qualquer tentativa desse grupo jihadista na região. Além de Israel, ainda existem

mais três aliados de relevância, o Egito, a Turquia e a Arábia Saudita. Por serem os alvos primordiais do Estado Islâmico, esses dois Estados estão profundamente envolvidos nos preparativos para uma ação efetiva contra os terroristas do Estado Islâmico.

Seu líder máximo, Abu Bakri Al Baghdadi, com nome de nascimento Ibrahim Awwad Ibrahim Ali al-Badri al-Samarrai, nascido no Iraque, em Samarra em 1971, era um Imã quando da invasão Norte-Americana ao Iraque. Possui Doutorado em Filosofia da Religião Islâmica na universidade de Bagdá. Atuando em campo com amplo conhecimento do terreno e fortemente armado, dispõe de conhecimento militar e treinamento em táticas de guerrilha urbana. Culto, persuasivo, orador nato e inimigo de tudo que seja ocidental, se encaixa perfeitamente no perfil do que Stern define como “líder Inspirador” para a causa salafista (STERN, 2004, p. 131). Sua atuação vem ganhando notoriedade pela capacidade de combate, organização e determinação em fazer uma *jihad* contra o ocidente e no desejo de implantação do Califado Universal nos moldes preconizados na Sharia.

Seu desejo de libertação das terras muçulmanas dos infiéis não tem limites. Ele, juntamente com os seus *mujahedim* estão cada vez mais perto do ocidente e ampliando suas forças a cada vitória, inclusive com recrutamento de estrangeiros, o que se torna um risco ainda mais urgente para as potências ocidentais.

Esses *mujahedim* conseguiram vitórias expressivas no seu avanço no Iraque e na Síria, provocando cenas de barbárie em todos os lugares por onde passaram, estuprando, degolando soldados rendidos, saqueando vilarejos e cidades, praticando a conhecida pilhagem dos vencidos. Todos os dias surgem novos fatos, dos mais aterradores acerca do avanço do Estado Islâmico. Crimes de guerra e contra os direitos humanos, abusos contra crianças, mulheres sendo vendidas como escravas sexuais, como mulheres dos membros do grupo, dentre outros.

Com doações das monarquias sunitas do Golfo Pérsico e Oriente Médio de uma forma geral, extorsões e uma gama de atividades criminosas para angariação de recursos, como visto na figura 2, o Estado Islâmico possui uma capacidade de financiamento bem diversificada e bem dirigida. A cada dia, sua situação se consolida como o maior líder jihadista contra os infiéis, ficando no lugar de Osama bin Laden, seu mentor e principal inspirador. Segundo dados não consolidados da ONU, o Estado Islâmico teria entre 12 mil e 20 mil militantes. Integra a corrente sunita, vertente majoritária do islamismo. A Organização das Nações Unidas (ONU) não esconde a apreensão, e a potência hegemônica cogita até a se aliar a adversários para

combater um “mal maior”. Seria o caso do ditador sírio Bashar al-Assad, um alauíta (vertente do xiismo), adversário ferrenho do EI.

Com esse aporte financeiro, o EI desenvolve-se como um verdadeiro “Estado”, administrando seu tesouro nacional. Além disso, no campo militar tem infringido severas derrotas aos exércitos da região, em especial ao exército iraquiano que, mesmo com o apoio estadunidense demonstrou total incapacidade em deter o avanço do IE dentro do território iraquiano, causando episódios de deserção em massa demonstrando a fragilidade da situação. Os Estados que podem fazer frente a todo o poderio do EI vem tratando a situação como um perigo real a “estabilidade” do sub sistema internacional do Oriente Médio.

Não obstante a seu avanço militar, vale salientar que seu avanço ideológico fora do teatro de operações em tela, principalmente no recrutamento de jihadistas em todo o mundo, com foco na Europa e países islâmicos fora dessa região. Esse ato de atração ideológica transfere o teatro de operações do campo real para também o campo teológico-filosófico, trazendo ao problema o viés teológico a possibilidade da resolução de todos os problemas no mundo islâmico (STERN, 2005; ARAÚJO, 2004).

No livro *O Retorno dos Jihadis: o Estado Islâmico e o novo Levante Sunita*, grifo nosso (*The Jihadis Return: ISIS and the New Sunni Uprising*), Patrick Cockburn (2014), que foi correspondente do jornal britânico *The Independent* no Oriente Médio, critica os EUA por apoiar o Iraque, mas manter a atuação de distanciamento da Síria: “A política dos EUA, da Europa Ocidental e do Golfo Pérsico é derrubar o presidente Bashar al-Assad, que vem a ser a política do EI e de outros jihadis na Síria. Se Assad cair, o Estado Islâmico será o maior beneficiário. (...) Há uma falsa ideia em Washington de que existe uma oposição moderada síria sendo ajudada pelos EUA, pelo Catar, pela Turquia e pelos sauditas (...).

Logo o califado pode se estender da fronteira iraniana até o Mediterrâneo, e a única força que pode possivelmente impedir que isso aconteça é o exército sírio”. Cockburn vai além na crítica aos EUA, dizendo que a “guerra ao terror” errou porque “não mirou no jihadismo como um todo e na Arábia Saudita e no Paquistão (aliados americanos na região) (2014).

Seguindo a linha de entendimento do ex-correspondente do *The Independent*, os estadunidenses terão que abrir mão de sua postura atual e terão que se alinhar aos maiores inimigos dos EUA, afim de ganhar essa guerra contra o Estado Islâmico. Em recente notícia veiculada na imprensa internacional, afirmam que o Ayatollah Ali Khamenei aprovou uma operação conjunta com Washington contra o Estado Islâmico.

Figura 4: Conhecendo o Reino do Terror



Graphic News/Editoria de arte

Fontes: Agência de Notícias Foto: Associated Press

Em face a peculiaridade dessa “aliança” de cooperação entre inimigos declarados EUA, Síria e Irã, demonstra a urgência em frear o avanço desse que é o pior e mais perigoso grupo terrorista de orientação salafistas da modernidade, demonstrando a emergência em combatê-lo. Todo esse movimento internacional das potências ocidentais, com os aliados naturais no Oriente Médio e com os inimigos históricos, Síria e Irã, prova que o inimigo é um risco real, e que se não for contido, rapidamente se espalhará e causará uma mudança drástica no sistema internacional, com consequências imprevisíveis no Oriente Médio, Europa, Ásia e quicá mundo.

Com todo o aporte financeiro angariado pelo EI, suas vitórias consistentes no teatro de operações que humilharam o exército iraquiano e provocaram uma verdadeira crise humanitária em toda aquela região, com milhares de execuções, tanto de soldados capturados como das populações locais que não aceitaram se submeter a teologia do ISIS que é a aplicação da *sharia*.

Diante de imagem dantescas, onde milhares de pessoas foram assassinadas cruelmente, o ocidente resolveu agir e criou uma coalisão de países para combater com a ajuda dos EUA e das potências europeias que, diante da decapitação televisionada, tanto de cidadãos americanos como de europeus e com o clamor provocado pelas execuções em massa, não houve outra alternativa a não ser o início da atual intervenção contra o ISIS.

## **CAPÍTULO V**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de interação ocorridos na dicotomia estrutura x agência, demonstram a vitalidade do salafismo como agente agregador e inspirador no mundo islâmico. Essa dicotomia também é responsável por todo o processo de alienação que vem provocando uma radicalização da teologia salafistas (STERN, 2004; CASTELLS, 1999; MORABIA, 1993), instigando uma série de atritos sociais dentro das sociedades islâmicas sunitas, do início do século XX até os nossos dias, crise essa que convoca o retorno dos muçulmanos a fé ancestral, contemplado nessa luta de classes, contudo, sem o viés economicista, apenas teológico. Não se trata de uma luta pelo monopólio dos meios de produção ou de políticas sociais, pelo contrário, há uma total



dissociação desse contexto ao se clamar ao retorno a fé, proposto pelas prédicas salafistas hodiernas (MESSARI, 2005; CHEREM, 2010).

Desde o início de sua implantação como modelo teológico pela Irmandade Muçulmana, o salafismo transitou e foi o motivo de diversas revoluções, golpes, levantes e em modelo político de Estados. Contudo, nunca houve tanta relevância como nos últimos 50 anos (CHEREM, 2010; STERN, 2004; MESSARI, 2005). Desde o assassinato de Sayyid Qutb até hoje, o modelo teológico proposto pelo salafismo demonstra uma vitalidade como nunca vista antes, ao se beneficiar dos avanços do Século XXI, na propagação de sua teologia que prega a supremacia islâmica sunita dos *salaf al islã*. Esse modelo que começou teológico, logo partiu ao apelo político de governança política teocrática.

Muitas vezes travestido de nacionalismo, como no caso palestino, o salafismo visto hoje, é fruto de uma visão autoritária e islamocêntrica ao se definir como modelo ideal de vida, fé, e sistema político. O salafismo simplesmente desenhou e redesenhou o mapa geopolítico do Oriente Médio e da Ásia islâmica várias vezes. Revoluções e contrarrevoluções no Oriente Médio e da Ásia islâmica afetaram diametralmente a política externa de todas as potências ocidentais, entrando e saindo da pauta da agenda do Conselho de Segurança da ONU diversas vezes.

Porém, nunca houve tanto receio quanto ao avanço do salafismo como a partir dos atentados ao EUA no 11 de setembro de 2001. Esse evento afetou severamente a rotina de segurança das potências ocidentais devido a emergência real do terrorismo islâmico salafistas. Esse pensamento teológico islâmico, tem tirado o sono e a vida de milhares, quiçá milhões de pessoas no mundo inteiro, desde o fatídico atentado supracitado. Porém, o salafismo realmente se tornou um problema sério não apenas para as potências, mais para todo o ocidente de uma forma geral.

Como rastilho de pólvora essa ideologia se espalhou por todo o mundo, bancado em sua maioria pelos *sheiks* do petróleo, por magnatas e príncipes árabes ultra conservadores, no seu desejo de conquistar o mundo e transformá-lo em um mundo islâmico, o denominado Califado Islâmico Global, projeto teocrático pensado e ensinado pelo islã desde a época do

profeta Mohammed. É o estabelecimento do *tawhid*<sup>29</sup> através da *jihad* ou vice-versa (KHADDURI, 1958). É nessa linha que pensam os salafistas, de todos os tempos até hoje. Não é novidade o desejo de islamização do mundo por todos as linhas do islã. Essa realidade define o posicionamento do ocidente frente ao islã e ao mundo islâmico.

A agenda de segurança e a estabilidade do sistema internacional se encontra em estado de alerta pelo avanço do salafismo no mundo, principalmente na Europa, com o recrutamento de cidadãos europeus para lutarem por organizações terroristas em sua *jihad* contra o ocidente, movendo a todo custo, o sistema internacional, o Conselho de Segurança das Nações Unidas, ONU, e todas as potências ocidentais a impedir esse avanço e a potencial radicalização do mundo islâmico de uma forma geral.

Esse avanço influenciou diametralmente a política externa da região mais afetada por essa radicalização, Oriente Médio e a Europa. Hoje, uma grande gama de políticas anti-imigração volta a surgir na Europa para tentar impedir o retorno desses jihadistas europeus, que estão retornando do campo de batalha dos conflitos salafistas, no norte da África, África central e Oriental, Síria e Iraque. Muitos britânicos, espanhóis, portugueses, belgas, alemães e principalmente franceses, cerram as fileiras de um exército de organizações salafistas que recrutam estrangeiros, principalmente o ISIS ou Estado Islâmico.

Sem sombras de dúvidas, essas organizações salafistas estão empenhadas na sua *jihad* global contra os infiéis ocidentais, e seu modo de vida, que, em sua visão distorcida de mundo é um processo sem volta e permanente, não havendo meios de resistir a esse fenômeno. Tanto na seara acadêmica, como política profissional, a agenda de segurança dos Estados, são e estão sendo afetados direta ou indiretamente pelos eventos hora apresentados e sem resolução plausível, pelo menos a curto prazo.

Inexoravelmente, estamos vivenciando o que alguns autores negam veementemente que esteja havendo um choque de civilizações. Entretanto, as características preditas por Samuel Huntington, em sua obra, O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial, demonstra esse fenômeno, que, assim como tudo possui seu ponto de expansão

---

<sup>29</sup> Crença na unicidade de Allah, em sua forma pura, rejeitando toda e qualquer possibilidade de diálogo com outras religiões e culturas.

máximo, o pensamento salafista ainda não atingiu seu ponto máximo de atração ideológica e mesmo assim, produzirá por um longo tempo esses choques.

Enfim, desenvolvemos este trabalho demonstrando ao leitor, uma análise séria e embasada em farta literatura acadêmica, com uma percepção clara do discurso proposto pelo salafismo, que segundo os autores pesquisados revela uma tentativa de criar uma nação islâmica global, usando para isso toda e qualquer ferramenta que seja útil a esse fim, inclusive o terror a través da *jihad* e da morte.

## BIBLIOGRAFIA

ACHA, Jaime de Salazar. "La limpieza de sangre". Revista de La Inquisición, Madrid, nº1, 1991.

ARAÚJO, Evilásio J., 1952. Terrorismo Internacional: fundamentalismo religioso e globalização / Evilásio J. Araújo; Brasília - DF: Herança Judaica Editora Ltda., 2004.

BOBBIO, Norberto. Dicionário de política I Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998.

CAMPBELL, David. Writing Security: United States Foreign Policy and the Politics of Identity, Manchester University Press, Manchester 1992. Politics Without Principle: Sovereignty Ethics and the Narratives of the Gulf War, Lynne Rienner, London, 1993.

CARNEIRO, M. L. T. (Org.). Ensaio sobre a Intolerância. Inquisição, Marranismo e Antisemitismo. 2ª ed. São Paulo: Associação Humanitas, 2005.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade / Manuel Castells; (A Era da informação: economia, sociedade e cultura; v2). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COCKBURN, Patrick. *The Jihadis Return: ISIS and the New Sunni Uprising*. OR Books, E-book, 2014.

COTTEE, Simon. *Mind Slaughter: The Neutralizations of Jihadi Salafism* /Simon Cottee, Francis & Taylor e-Review, 2009.

CHEREM, Youssef Alvarenga. A crença, a lei, a guerra: uma análise do pensamento de Isam Muhammad Tahir Al-Barqawi. Youssef Alvarenga Cherem. Campinas, SP: [s. n.], 2010. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000770620>, acessado em 15/02/2012.

MORABIA, Alfred. *Le gihad dans l'Islam médiéval* / Alfred Morabia. – Paris: Les editions Albin Michel, 1993.

EGERTON, Frazer, 1977 – *Jihad in the west: the rise of militant Salafism* / Frazer Egerton. p. c. New York: Cambridge University Press, 2011.

GOLDSTEIN, Abraham. *Solução Para A Paz: entendendo o Oriente Médio*/ [organização: Comissão Nacional de Direitos Humanos; coordenação Abraham Goldstein]. – São Paulo: Associação Beneficente e Cultural B'nai B'rith do Brasil, 2009.

HATINA, Meir. *Identity Politics in the Middle East*. Tauris & Co, London, New York, 2007.

HOBSBAWM, Eric, 1917 – *Globalização, Democracia e Terrorismo* / Eric Hobsbawm; tradução José Viegas. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOBSBAWM, Eric, 1917. *Era dos Extremos: o breve século xx: 1914 - 1991* / Eric Hobsbawm; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUNTINGTON, Samuel. *O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

KHADDURI, Majid. *War and peace in the law of Islam*. Baltimore: Johns Hopkins University, 1958.

LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos da metodologia científica* / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 7. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

LEWIS, Bernard. *A Crise do Islã: guerra santa e terror profano* / Bernard Lewis; tradução, Maria Lúcia de Oliveira. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MCSWEENEY, Bill. *Security, Identity and Interest- Sociology Of International Relations* / Cambridge University Press, Cambridge, United Kingdom, 2004.

MELIS, Nicola. *Trattato sulla guerra. "Il Kitab al-gihad di Molla Hüsvrev"*. Cagliari: Aipsa, 2002.

MELIS, Nicola. *Il concetto di ġihād, in P. Manduchi (a cura di), Dalla penna al mouse: Gli strumenti di diffusione del concetto di gihad*. Milão: Franco Angeli, 2006.

MESSARI, Nizar. *O Islã e a Política*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão – FUNAG, 2005. Disponível em: <[www.funag.gov.br](http://www.funag.gov.br)>. Acesso em: 13 Jul. 2012;

PETERS, Rudolph. *Islam and colonialism: The doctrine of Jihad in modern history. "Religion and Society"*. Mouton, Haia, 1979.

SCHMIDT, Alex. *The Routledge handbook of terrorism research* / Alex Schmidt. Taylor & Francis e-Library by Routledge, New York, 2011.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal* / Milton Santos. – São Paulo: Record, 2001.

SUTTI, Paulo. *As diversas faces do terrorismo* / Paulo Sutti, Sílvia Ricardo. – São Paulo: HARBRA, 2009.

STERN, Jessica. *Terror em nome de Deus: porque os militantes religiosos matam* / Jessica Stern; tradução Marta Góes, Mário Góes. – São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

TYAN, E. Jihad. In: Lewis, B.; Ménage, V.L.; Pellat, Ch.; Schacht, J. (eds.), *Encyclopedia of Islam*, Leiden: Brill, 1991, volume II. p. 538–540.

WAINBERG, Jacques, A. *A pena, a Tinta e o Sangue: a Guerra das ideias e o Islã* / Jacques A. Wainberg. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 102.

WALTZ, Kenneth N. O Homem, o estado e a guerra: uma análise teórica / Kenneth N. Waltz; Adail Ubirajara Sobral; revisão da tradução Maria Appenzeller. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WATSON, Adam. A Evolução da Sociedade Internacional: Uma Análise Histórica Comparativa. Brasília: Ed. UnB, 2004.

WENDT, Alexander. “*The agent-structure problem in international relations Theory*”, *International Organization*, 41/3, 1987, pp. 335-370.

## SÍTIO DA INTERNET

**SCRUTON, Roger. Análise: Pode um Estado moderno ser governado pela lei islâmica?**  
[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/09/130909\\_democracia\\_isla\\_mv.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/09/130909_democracia_isla_mv.shtml),  
acessado em 16 de setembro de 2013;

**Euronews: Tunísia acusa “safalistas jihadistas” de atentados em zonas turísticas.**  
<http://pt.euronews.com/2013/10/30/tunisia-acusa-safalistas-jihadistas-de-atentados-em-zonas-turisticas/>, acessado em 05 de novembro de 2013;

**MUHAMMAD, Abu Abdillaah Faisal bin. Compreendendo a Metodologia dos “salafis”.  
Nur Al Islam Publicações.**  
<http://nuralislampublicacoes.com/compreendedo-a-metodologia-dos-salafis/>, acessado em 05 de novembro de 2013;

**DW: Salafistas alemães atuam na Síria**  
<http://www.dw.de/salafistas-alemães-atuam-na-síria/av-17147932>, acessado em 06/11/2013;

**DW: Guerra síria vive estagnação no campo de batalha e na diplomacia.**

<http://www.dw.de/guerra-síria-vive-estagnação-no-campo-de-batalha-e-na-diplomacia/a-17199378>, acessado em 06 de novembro de 2013;

**ACNUR: Deslocamento forçado no mundo ultrapassa 50 milhões de pessoas.**

<http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/deslocamento-forcado-no-mundo-ultrapassa-50-milhoes-de-pessoas/>, acessado em 29 de agosto de 2014.

**BBC: Segundo a ONU, Síria é 'maior crise humana da nossa era'.**

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/08/140829\\_siria\\_crise\\_humanitaria\\_hb.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/08/140829_siria_crise_humanitaria_hb.shtml), acessado em 29 de agosto de 2014.

**O Globo: Estado Islâmico divulga vídeo com suposta morte de refém americano.**

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/09/estado-islamico-divulga-novo-video-de-decapitacao-de-refem-americano.html>, acessado em 02 de setembro de 2014;

**Valor Econômico: Vídeo mostra suposta decapitação de outro refém pelo Estado Islâmico.**

<http://www.valor.com.br/internacional/3679434/video-mostra-suposta-decapitacao-de-outro-refem-pelo-estado-islamico>, acessado em 02 de setembro de 2014;

**Veja: EI divulga vídeo de decapitação de outro jornalista americano.**

<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/estado-islamico-cumpre-ameaca-e-decapita-outro-jornalista-americano>, acessado em 02 de setembro de 2014.

**UN: Consejo de Seguridad: Comité Contra El Terrorismo.**

<http://www.un.org/es/sc/ctc/>, acessado em 02 de setembro de 2014.

**O Observador: EIIL decapitou jornalista americano Steven Sotloff.**

<http://observador.pt/2014/09/02/isis-decapitou-jornalista-americano-steven-sotloff/>, acessado em 02 de setembro de 2014.



**UOL: Rebeldes declaram criação de Estado Islâmico no Iraque e Síria.**

<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2014/06/30/rebeldes-declaram-criacao-de-estado-islamico-no-iraque-e-siria.htm>, acessado em 10 de setembro de 2014.

**COOPER, Charlie. Califado de grupo islâmico é avanço perigoso. Fundação Quilliam.**

<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2014/07/01/califado-de-grupo-islamico-e-avanco-perigoso-diz-analista.htm>, acessado em 10 de setembro de 2014.

**GERCHMANN, Léo. As origens e a brutalidade do grupo terrorista Estado Islâmico.**

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/08/as-origens-e-a-brutalidade-do-grupo-terrorista-estado-islamico-4587195.html>, acessado em 11 de setembro de 2014.

**Wikipédia, a enciclopédia livre.**

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Abu\\_Bakr\\_al-Baghdadi](http://pt.wikipedia.org/wiki/Abu_Bakr_al-Baghdadi), acessado em 11 de setembro de 2014.

**MAQDISI, Abu Muhammad Al. Ó Deus, a vitória da subvenção aos mujahideen. Prédica à Jihad, Tawed.**

<http://www.tawhed.ws>, acessado em 15 de setembro de 2014.

**LEAL, Francisco. Polícia Federal aponta elo entre facção brasileira e Hezbollah. O Globo.**

<http://oglobo.globo.com/brasil/policia-federal-aponta-elo-entre-facciao-brasileira-hezbollah-14512269>, acessado em 11 de novembro de 2014.